



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

IVNA NILTON MARQUES GIRÃO

**COMUNICAR PARA “SEGURAR O CÉU”: DIÁLOGOS COM JOVENS
COMUNICADORES INDÍGENAS CEARENSES SOBRE SUAS NARRATIVAS**

FORTALEZA

2024

IVNA NILTON MARQUES GIRÃO

COMUNICAR PARA “SEGURAR O CÉU”: DIÁLOGOS COM JOVENS
COMUNICADORES INDÍGENAS CEARENSES SOBRE SUAS NARRATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Mídia e Práticas Socioculturais.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G432c Girão, Ivna Nilton Marques.

Comunicar para "segurar o céu" : diálogos com jovens comunicadores indígenas cearenses sobre suas narrativas / Ivna Nilton Marques Girão. – 2024.
85 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes.

1. Comunicação. 2. Juventude. 3. Indígena. 4. Narrativa. I. Título.

CDD 302.23

IVNA NILTON MARQUES GIRÃO

COMUNICAR PARA “SEGURAR O CÉU”: DIÁLOGOS COM JOVENS
COMUNICADORES INDÍGENAS CEARENSES SOBRE SUAS NARRATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Mídia e Práticas Socioculturais.

Aprovada em: 20/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Helena Martins do Rêgo Barreto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dr. Kleyton Rattes Gonçalves
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para os jovens indígenas que sonham um mundo novo, e que constroem comunicações, resistências e esperanças.

AGRADECIMENTOS

Em especial, a minha mãe, Ivone Marques, por ser afeto e inspiração, por me apoiar quando eu achava que não mais ia conseguir. Aproveito também para celebrar a vida do meu pai, Nilton Girão, que, nos últimos dias dessa escrita, em 2024, fez sua partida; ele faleceu, mas deixou comigo a coragem para seguir em frente.

Festejo também meus filhos, Bento, Maria, Amaro e Pilar, por serem luz e alegria, por serem estímulo e esperança, por me darem ânimo na pesquisa e em cada amanhecer. Durante o Mestrado, descobri-me grávida, estudei enquanto gerava mais uma vida. Com isso, aproveito aqui para celebrar a coragem das mães, que, mesmo na exaustão do cuidado, insistem em fazer pesquisa e produzir conhecimentos; que a Universidade reconheça a importância de ofertar mais apoio às que escolhem a vida acadêmica e a família. Agradeço também ao meu esposo, Ronaldo de Queiroz, que, desde o início de tudo, sempre foi parceiro, que torceu e me ajudou, sempre acreditou em mim, até quando nem eu mesmo tinha fé, por me ajudar nos momentos de dúvidas e conversar comigo quando eu mais precisava.

Celebro também a professora Márcia Vidal, e em seu nome, cada professor e cada professora do PPGCOM que fizeram essa jornada ser mais agradável, foram tempos de pandemia quando entrei no Mestrado e ter o prazer de estudar e aprender salvou, literalmente, os dias. Agradeço os aprendizados, as trocas.

E festejo também todos os jovens comunicadores indígenas do Ceará e do Brasil que sempre foram inspiração e, com muita gentileza e generosidade, compartilharam os seus saberes e fazeres tornando, assim, possível, essa pesquisa. Fico muito grata pelas trocas e recebam aqui minha admiração e abraço. Faço homenagem também para o querido Benício Pitaguary que, em 2022, virou encantado; fez sua partida de modo precoce, mas deixou um bonito e importante legado para a comunicação e para a luta. Benício vive! Por fim, aos amigos e amigas que torceram e apoiaram. Muito obrigada a todos e a todas que seguiram essa bonita viagem comigo, sozinha eu não conseguiria.

RESUMO

A pesquisa analisa as narrativas e as percepções de jovens comunicadores indígenas cearenses sobre a produção de conteúdo nas redes sociais, construindo reflexões e discutindo sobre as vozes de comunicadores e comunicadoras, as vivências e as práticas na rede social *Instagram*. O estudo possibilita um ambiente para que o referencial teórico converse com a filosofia de Ailton Krenak (2019) sobre a importância de “sempre poder contar mais uma história”, e a pesquisa se interessa por uma metodologia de “ouvir e contar”, com o objetivo que seja prioritariamente de caráter qualitativo, construindo análises qualitativas. Tudo isso no intuito de pensar - a partir de entrevistas realizadas com seis jovens comunicadores - a presença da juventude indígena em um ambiente digital.

Palavras-chave: comunicação; juventude; indígena; narrativa.

ABSTRACT

The research analyzes the narratives and perceptions of young indigenous communicators from Ceará about the production of content on social networks, building reflections and discussing the voices of communicators, the experiences and practices on the social network Instagram. The study provides an environment for the theoretical framework to talk to the philosophy of Ailton Krenak (2019) about the importance of "always being able to tell one more story", and the research is interested in a methodology of "listening and telling", with the objective that it is primarily of a qualitative nature, building qualitative analyses. All this, in order to think - based on interviews conducted with six young communicators - the presence of indigenous youth in a digital environment.

Keywords: communication; youth; indigenous; narrative.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Reprodução <i>Instagram</i> de Rodrigo Tremembé, em 19 de abril de 2023.....	35
Figura 2	Reprodução <i>Instagram</i> de Rodrigo Tremembé.....	37
Figura 3	Reprodução <i>Instagram</i> de Rodrigo Tremembé.....	38
Figura 4	Ilustração do livro Wúpy Taowá: vestindo-se de linguagem.....	41
Figura 5	Reprodução do <i>Instagram</i> de Merremii Karão.....	42
Figura 6	Reprodução do <i>Instagram</i> de Merremii Karão	43
Figura 7	Reprodução do <i>Instagram</i> de Luan Tremembé	49
Figura 8	Reprodução do <i>Instagram</i> de Luan Tremembé	52
Figura 9	Reprodução do <i>Instagram</i> de Luan Tremembé	53
Figura 10	Reprodução do <i>Instagram</i> de Janaína Jenipapo	55
Figura 11	Reprodução do <i>Instagram</i> de Janaína Jenipapo.....	56
Figura 12	Reprodução do <i>Instagram</i> de Renan Tabajara	59
Figura 13	Reprodução do <i>Instagram</i> de Renan Tabajara	61
Figura 14	Reprodução do <i>Instagram</i> de Jardel Potyguara	62
Figura 15	Reprodução do <i>Instagram</i> de Jardel Potyguara	63
Figura 16	Comunicadores yanomami em frente à plenária do ATL 2023.....	67
Figura 17	Imagens da cobertura do ATL 2023	68
Figura 18	Imagem de Samela Sateré Mawé	72
Figura 19	Imagens da Cobertura ATL 2023	72
Figura 20	Imagens da Cobertura ATL	74
Figura 21	Imagens da Cobertura ATL 2023	74
Figura 22	Foto de Erisvan Guajajara Imagens da Cobertura ATL 2023.....	75
Figura 23	<i>Instagram</i> da Apib Oficial.....	76
Figura 24	<i>Instagram</i> da Mídia Indígena Oficial	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	COMUNICAR PARA “SEGURAR O CÉU”	12
2.1	“Não nasci em uma terra sem árvores”	14
2.2	A importância de contar uma história	16
2.3	Constelações de seres	19
3.4	Pronunciar o mundo	20
2.5	Uma metodologia: de ouvir e contar	23
3	COMUNICAR PARA CONTAR HISTÓRIAS	24
3.1	Rede de Comunicadores Indígenas do Ceará	31
3.2	Rodrigo Tremembé: “Que história sua roupa conta”	34
3.3	As serpentes de Merremii Karão	41
3.4	Luan Tremembé: “serei o primeiro Jornalista Indígena do Ceará.....	48
3.5	Janaína Jenipapo: “ter nas mãos a própria identidade”	55
3.6	Renan Tabajara: “redes acabam deixando a gente muito sozinho”	57
3.7	Jardel Potyguara: “fazer com que os povos sejam multiplicadores”	62
4	ATL 2023: O FUTURO INDÍGENA É HOJE	67
4.1	Alexandre Pankararu: “estamos falando de comunicação”	68
4.2	Samela Sateré Mawé: “Narrativas protagonizadas por nós”	70
4.3	Mitã Xipaya: “nossa comunicação vai passar tudo, sem manipular”	72
4.4	Erisvan Guajajara: “nem tudo que filmamos, podemos divulgar”	74
4.5	Seguir em resistência, em retomada	76
4.6	Indigenizando a comunicação	77
5	CONCLUSÃO	81
	REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa analisa as narrativas e as percepções de jovens comunicadores indígenas cearenses sobre a produção de conteúdo nas redes sociais, e faz a reflexão sobre as vozes de comunicadores e comunicadoras e diálogos sobre as vivências e as práticas na rede social *Instagram*. O referencial teórico conversa com a filosofia de Ailton Krenak (2019) sobre a importância de “sempre poder contar mais uma história”, e a pesquisa se interessa por uma metodologia de “ouvir e contar”, com o objetivo que seja prioritariamente de caráter qualitativo, construindo análises qualitativas. Tudo isso, no intuito de pensar a presença desses jovens e a comunicação em um ambiente digital.

Temos o interesse de fazer um estudo sobre os jovens comunicadores indígenas do Ceará e o que eles pensam sobre estarem ocupando o *Instagram* e apontamos algumas questões: qual a importância de comunicar para contar histórias, como esses jovens se organizam nesse espaço, que histórias esses comunicadores querem contar.

O trabalho, dividido em quatro partes, traz as seguintes temáticas. Iniciamos, no capítulo 1, com a introdução de dados gerais e reflexões norteadoras sobre o tema. E no capítulo 2, a pesquisa aborda a importância de contar histórias, a metodologia de “contar e ouvir”, a comunicação como estratégia para organização do movimento indígena. Já no Capítulo 3, o texto começa a narrar e apresentar jovens comunicadores, suas histórias, seus protagonismos, como eles atuam no *Instagram* e como ocupam as redes. E no capítulo 4, para finalizar, apresentaremos a vivência de comunicadores indígenas no Acampamento Terra Livre (ATL), em Brasília, em 2023 e as conclusões finais da dissertação.

Sobre a metodologia, trazemos, como escolha, o interesse de que a pesquisa seja prioritariamente de caráter qualitativo (STRAUSS; CORBIN, 2008), construindo análises qualitativas de textos e imagens, ficando atentos também aos engajamentos e aos comentários nas postagens do *Instagram*, com o objetivo de analisar a construção de narrativas, os protagonismos e o engajamento dos jovens comunicadores(as) indígenas.

Temos que a produção de conteúdos comunicativos e o uso de tecnologias da comunicação pelos indígenas que já são fatos já consolidados e relevantes para a Comunicação Social. Como pergunta importante da pesquisa, temos o interesse em estudar a possibilidade de ampliação dos sujeitos produtores de novos conteúdos e a promoção de outras narrativas. O Ceará, segundo dados do censo 2022 (IBGE, 2023), tem 56 mil indígenas; número quase triplicou comparado a 2010, existem mais de 16 povos articulados no movimento indígena,

morando em mais de 100 aldeias, situadas em pelo menos 26 municípios, compondo 25 áreas indígenas.

Com a inspiração de Ailton Krenak (2019), destacamos aqui algumas considerações importantes nesse caminhar: a necessidade, mais do que nunca, de ouvir e escutar histórias, de poder contar mais uma história. Sem esquecer, no entanto, que, para além do gesto de escuta, há a necessidade de refletirmos também sobre a história, a memória e a afirmação identitária desses jovens em seus territórios. E, quando a pesquisa surge, estamos, sim, colocando luzes no protagonismo da juventude que, nas plataformas, diariamente, trazem à tona, entre uma postagem e outra, as suas narrativas. A pesquisa propõe mergulhar nas narrativas dos jovens sobre comunicação, a fim de deixar aparecer e construirmos reflexões sobre o que a juventude tem produzido, os protagonismos assumidos e as vozes diversas.

2 COMUNICAR “PARA SEGURAR O CÉU”

“Vamos escutar a voz dos rios; pois eles falam. Sejamos água em matéria e espírito. Em nossa movência e capacidade de mudar de rumo. Ou estaremos perdidos” (KRENAK, 2022, p. 27).

A importância de contar histórias, de comunicar narrativas, de significar as existências, de trazer outras identidades. São contos sobre o nascer, causos sobre o morrer, lendas das matas, as origens dos nossos nomes, poéticas sobre o lugar de onde viemos, da vida que conta e se reconta. Por que contar e ouvir histórias, comunicar novas narrativas?

As histórias que carregamos são um pouco do que somos, contam um tanto dos nossos ancestrais, dos territórios, dos avós e avôs, são conexões que nos desvendam e ajudam a nos construir no presente, no passado. Como contar essas histórias? Vamos refletir sobre as narrativas das culturas, dos saberes e fazeres são pilares que erguem as muitas moradas que seguram o céu sobre as nossas cabeças, como diz Ailton Krenak, em vídeo divulgado nas redes sociais:

Eu levo o cheiro daqui, o humor daqui, o afeto daqui, a beleza daqui. A poesia que existe na vida dos parentes daqui e que está expressa até na parede da casa dele, no chão da casa dele, que é a terra. Enquanto eles estiverem aqui, eles vão segurar o céu, sobre a nossa cabeça¹ (KRENAK, 2022).

Escutar Ailton Krenak é se abrir para sentir, de modo profundo e sereno, um novo modo de imaginar e narrar a vida. Em um exercício bonito, de se desprender do conhecido, um convite, aqui, para você, leitor e leitora, afrouxar o peito, respirar devagar, se abrir para ouvir, não só palavras, mas também passarinhos, folhas, conversar com o vento e o tempo.

Krenak defende o conceito de pessoas coletivas, de “células que conseguem transmitir, através do tempo, visões diferentes do mundo” (KRENAK, 2019, p. 10). O autor acredita que os povos indígenas possuem um vínculo profundo com a memória ancestral, o que, além de construir e dar significado a suas identidades, fortalece essas populações e as prepara para as lutas cotidianas. Krenak afirma que não há diferença entre natureza e humanidade, ambas são a mesma coisa. “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 17).

¹ Vídeo divulgado no *Instagram* do ISA no dia 24 de agosto de 2022, em [instagram.com/reel/ChpYE_hsYf1/](https://www.instagram.com/reel/ChpYE_hsYf1/)

Momento de observar o farfalhar das árvores e o canto dos bichos, que parecem sussurrar ao pé do ouvido: cada passo e gesto é um contar sobre nós. É percebermos que estamos em coletivo – o encanto está aí dentro, é companhia quando o corpo repousa, quando o tranquilo da noite se aquieta com o som da chuva, o sono se embala com o rajar dos trovões, a alma achando conforto no cultivo da terra, no sabor gostoso do comer, no alento de serenar no colo de mãe e amanhecer.

E para adiar o fim do mundo, uma experiência a se exercitar: silenciar os sons de fora e amplificar as melodias de dentro, abrir espaço para escutar as revoadas no peito, as sabedorias dos encantados, celebrar as passarinhadas do Pajé Barbosa²: “A dança dos passarinhos todo mundo vai cantar, a dança dos passarinhos todo mundo vai dançar”³.

Em um gesto compartilhado, de escutar e contar, é a palavra que chega como natureza, é ela que deixa a terra molhar, os ventos falarem: uma comunicação que respeita o tempo dos encantados, dos guias, da espiritualidade, o diálogo que é cura, se refaz na encantaria, faz desflorar. Se comunicar como quem faz uma oração, um rezo para salvar os dias. É como conversar com as árvores, escutar a natureza para encontrar o equilíbrio das matas de dentro e de fora.

Aprender a contar e a ouvir histórias, as muitas vozes que saltitam no corpo, que dançam, cantam, fazem se comunicar e revelar, que pronunciam o que virá. Ou seja, “Não há conhecimento que não possua um ‘lugar de enunciação’ próprio [...] ou, mais exatamente, um ‘amálgama de lugares de enunciação’, referente a distintos lugares, escalas e circunstâncias de socialização e existência” (SOUZA, 2019, p. 115).

Esta pesquisa é uma história também sobre as memórias que trazemos, sentadas no batente do terreiro, escutando os relatos dos familiares, causos do avô Ismael que dizia que as “Almas falam”, se referindo à Almofala, local onde a família nasceu, no interior do Ceará, Terra Indígena do Povo Tremembé - era assim que ele explicava, com orgulho, a origem do nome do povoado. Aprendemos a falar com as almas, a ouvir as almas. E hoje, festejamos o avô, que, na sua jornada, contava sobre a igreja soterrada, como preparar um bom grolado, dos berçários de cavalos marinhos escondidos na nascente do rio, como fazer pesca artesanal no mar.

Então celebramos além do avô Ismael, a ancestralidade da avó Celsa, uma mulher que nasceu em Almofala. Não tivemos o prazer de sentar no seu colo, de ela trançar os nossos

² Pajé Barbosa é líder espiritual do Povo Pitaguary (Ceará) e Mestre da Cultura do Ceará. E é um guardião das cosmovisões do povo Pitaguary e dos povos indígenas do Ceará e do Brasil.

³ Podcast Desatar Encante, no episódio 1 “Apresentação desatar encante”. Citação de Pajé Barbosa disponível em <https://soundcloud.com/desatarencante>

cabelos e ensinar sobre a vida, ela se encantou antes. E com a saudade do não vivido, trazemos aqui um tanto dessa avó. E que ela e a família tenham a certeza, que suas histórias, memórias e ancestralidades estão presentes, nessas linhas e na pesquisa que realizamos com muito afeto e respeito aos que vieram antes.

E festejamos também a mãe Ivone, que nasceu em Almofala (Terra Indígena), e que nos apresentou o gosto do amor e do grolado, que sempre nos convidava a sentar em frente à Igreja do município ou perto do mar para contar, com emoção, a infância cheia de encantaria, histórias narradas ao embalo do torém, com a doçura das comidas dos troncos velhos, com a espiritualidade de quem se criou no chão da aldeia e insiste em lembrar, aos netos Bento, Maria, Amaro e Pilar, onde os “umbigos” foram plantados e seguem semeados em aldeias de almas que falam. Convite: abram os seus ouvidos, olhos e espíritos, coloquem a cabeça na altura do peito, como me ensinou certa vez Ailton Krenak, e escutem a ancestralidade povoar suas mentes e corações.

2.1 “Não nasci em uma terra sem árvores”

Referenciando Ailton Krenak quando ele cita no começo do texto que - enquanto os indígenas estiverem na terra, eles vão segurar o céu, sobre a nossa cabeça – ressaltamos as reflexões de Davi Kopenawa (2015), quando ele convoca: “Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandcentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco?” (KOPENAWA, 2015, p. 65). E ele continua, desejando que os filhos e filhas dos brancos não indígenas entendam as palavras e “fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra” (KOPENAWA, 2015, p. 65). Kopenawa (2015) segue relatando encontros com não indígenas e as dificuldades de construção de comunicações que sustentem os pilares para segurar o céu:

Nossos pensamentos e nossas vidas são diferentes, porque você é filho dessa outra gente, que chamamos de napë. Seus professores não o haviam ensinado a sonhar, como nós fazemos. Apesar disso, você veio até mim e se tornou meu amigo. Você ficou do meu lado e, mais tarde, quis conhecer os dizeres dos xapiri, que na sua língua vocês chamam de espíritos. Então, entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós.

Ficamos muito tempo sentados, falando, em minha casa, apesar das picadas das mutucas e piuns. Poucos são os brancos que escutaram nossa fala desse modo. Assim,

eu lhe dei meu histórico, para você responder aos que se perguntam o que pensam os habitantes da floresta.

Mais tarde, eu disse a você: ‘Se quiser pegar minhas palavras, não as destrua. São as palavras de Omama e dos xapiri. Desenhe-as primeiro em peles de imagens, depois olhe sempre para elas. Você vai pensar: “Haixopë! É essa mesmo a história dos espíritos!’. E, mais tarde, dirá a seus filhos: ‘Estas palavras escritas são as de um Yanomami, que há muito tempo me contou como ele virou espírito e de que modo aprendeu a falar para defender a sua floresta’. Depois, quando essas fitas em que a sombra das minhas palavras está presa ficarem imprestáveis, não as jogue fora.

Você só vai poder queimá-las quando forem muito velhas e minhas falas tiverem já há muito tempo sido tornadas desenhos que os brancos podem olhar. Inaha th a? Está bem? Você desenhou e fixou essas palavras em peles de papel, como pedi. Elas partiram, afastaram-se de mim. Agora desejo que elas se dividam e se espalhem bem longe, para serem realmente ouvidas (KOPENAWA, 2015, p. 63).

E com muita sabedoria, Davi Kopenawa lembra de onde veio e diz: “eu não nasci numa terra sem árvores” (KOPENAWA, 2015, p. 73). E completa o sentir reforçando que por isso, os seus dizeres são de um verdadeiro yanomami, são palavras que ficaram com ele na solidão, mesmo depois da morte dos antigos.

São palavras que os espíritos me deram em sonho e palavras que vieram a mim escutando as maledicências dos brancos a nosso respeito. Estão enraizadas com firmeza no fundo de meu peito. São essas as palavras que eu gostaria de fazer ouvir, agora, com a ajuda de um branco que pode fazer com que sejam escutadas por aqueles que não conhecem nossa língua (KOPENAWA, 2015, p. 73).

E Davi Kopenawa (2015, p. 75) continua a nos ensinar sobre a comunicação que faz caminhada no seu corpo. Para ele, os pensamentos se expandem em todas as direções e palavras são antigas e muitas, vêm de antepassados. Citando sobre os livros impressos que os não indígenas usam para guardar conhecimento, ele fala que as palavras não precisam ser desenhadas em papéis, como os brancos fazem com as suas, nem por isso elas irão desaparecer, ele cita (KOPENAWA, 2015, p. 75), pois ficam gravadas dentro de nós.

Por isso nossa memória é longa e forte. O mesmo ocorre com as palavras dos espíritos xapiri, que também são muito antigas. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim.

Nossos xamãs mais antigos nos dizem: ‘Agora é sua vez de responder ao chamado dos espíritos. Se pararem de fazê-lo, ficarão ignorantes. Perderão seu pensamento e por mais que tentem chamar a imagem de Teosi para arrancar seus filhos dos seres maléficis, não conseguirão’ (KOPENAWA, 2015, p. 75).

E na escuta do que Kopenawa nos conta, reforçamos, fazendo alusão ao que ele nos cita acima: “não nasceu numa terra sem árvores” (KOPENAWA, 2015, p. 80) - nasceram em terras com árvores, trazem corpos que contam suas histórias, com vidas que traçam trajetórias, com culturas que desenham repertórios culturais diversos, vivos, repletos. Nasceram sujeitos e sujeitas da sua fala, da sua memória, suas ancestralidades e suas comunicações - os indígenas que nasceram numa terra que se comunica pela voz, pelo canto, pelas árvores.

Nesse sentido, a comunicação, como ato de relacionamento - e trazemos aqui a importância de pensarmos se as redes sociais aprofundam ou não isso - é necessária para que possamos nos perceber como parte de algo maior porque nós não estamos sozinhas ou sozinhos. “O mundo é cheio de viventes, nós somos viventes, as árvores, o mar, a água, as estrelas, todos os astros, os animais, os outros animais, porque biologicamente falando, também somos animais” (AMABIS; RODRIGUES, 2018).

E trazemos aqui mais vozes para o diálogo compartilhado. Refletindo sobre o texto, disponível no portal Millan, “Ouvir à terra”, de Gustavo Caboco (2022), artista visual Wapichana. Ele fala sobre os isolamentos, o som desamparado, ele cita os distanciamentos, o que para ele “o som é alto e isola gentes das coletividades, mas por quê?”:

Quando a terra firme adoce é tempo de fuga ou escuta desta terra? Tempo de plantar? Depressões e surtos flutuam. É que a terra aterra. Mas ela insiste em falar com mundo e com orelhas-sustos e todos os seus seres. Aquele som estridente do caroço continua instalado na noite e o canto do inhambu ainda me parece distante. Mas ainda, dia desses, ouvimos um eco em meio a tantas vozes: é que nesta conflagração a terra segue seu fluxo milenar de ser. Mas aqui está em suspenso a ideia de reparação. Onde é ‘aqui?’. É que acabou-se o tempo. Urgente: ouvir.⁴ (CABOCO, 2022).

2.2 A importância de contar uma história

E muitos são os jovens indígenas do Ceará que se colocaram ativos, como protagonistas do seu corpo e da sua voz e estão contando suas histórias e do seu povo. Destacamos aqui os exemplos de alguns indígenas que estamos acompanhando nas redes sociais e convidamos os leitores(as) a segui-los no Instagram, e citamos: Merremii Karão, Janaina Jenipapo, Luan de Castro Tremembé, Renan Tabajara, Jardel Potyguara, Rodrigo Tremembé, Rapha Anacé, Clarinha Freitas, Kennedy Tapeba, Índia Atualizada, Antonia Kanindé, Mateus Tremembé da Barra, Ezequiel Nascimento, Cassimiro Itapewa, Samuel Nascimento, Débora Anacé, Thais Pitaguary, Rafa Anacé, Lucas Kariri e tanto outros.

⁴ Caboco, 2022, no site Millan www.millan.art/textos/ouvir-aterra/

Para a juventude, contar histórias é fazer política, é sair da invisibilidade, trazer possibilidades de construções de narrativas dissidentes, diversas e insistentes, é espaço para construção das resistências: e trazemos aqui Stuart Hall (2006) e seu debate sobre a transformação do espaço da cultura “em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se tem vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (HALL, 2006, p. 239). A cada nova página no *Instagram* que surge, vozes se amplificam. A produção de conteúdo comunicativo e o uso de tecnologias da comunicação pelos indígenas são fatos já consolidados e relevantes para a Comunicação.

Importante frisar que, ao escolhermos trazer as teorias de Stuart Hall para esse texto, faz-se importante ressaltar e contextualizar que, ele sendo um autor pós-moderno, a construção das reflexões que apontamos se darão nesse contexto, desse sujeito pós-moderno. Para tanto, as análises de presenças e de consumo das redes sociais se formam nesses termos, mesmo que os sujeitos entrevistados na pesquisa sejam jovens indígenas que estão nas redes sociais e foram escutados em 2023. Quando falamos das teorias de Hall, estamos nos referindo a uma situação em que os indígenas estão usando as redes sociais para produção e visibilidade das suas demandas, artes e cultura. E é nessa perspectiva que trago aqui o teórico.

Com esse breve apontamento, seguimos com as percepções de Stuart Hall (2006) para pensarmos os processos de identificação nesse contexto de sujeito pós-moderno:

A identidade torna-se uma ‘celebração do móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 12).

E sigo um diálogo com Stuart Hall (2006) sobre as identidades e como elas não são estáveis, e nem fixas, e que, apesar de dialogarem com as culturas e os pertencimentos étnicos, é notório - e com a inserção dos sujeitos em relações nas redes sociais - percebemos o aprofundamento desses deslocamentos e desconcentrações dos sujeitos e das suas percepções e existências. Para Hall (2006), esse sujeito pós-moderno, porém, não se consolida mais em uma identidade permanente, mas sim, segundo Hall (2006):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante

de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 9).

Nesse caso, para Hall (2006) a identidade desse sujeito pós-moderno é transformada continuamente em relação aos diálogos de diversidade cultural que nos atravessam. Essa identidade seria construída historicamente, como afirma:

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...].

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13)

Continuamos a dialogar sobre identidade cultural com Stuart Hall (2006) e a concepção do sujeito pós-moderno e como a percepção disso está atrelada à nossa realidade, já que estamos todos em uma sociedade em constante mudança, com construções de narrativas diversas, trocas constantes de informações, em contato com diversas culturas e modos de ser e estar no mundo – tudo isso interferindo diretamente nas identidades das pessoas em um mundo interligado, seja pelas relações em Territórios, sejam por contatos digitais em redes sociais.

E por nos sentirmos parte de um todo - por estarmos aparentemente interligados em uma rede social, acabamos por adquirir, essa é a impressão, um sentimento de identidade e lealdade para com aquela comunidade de que fazemos parte. Como aponta Hall (2006), “uma cultura é um modo de construir sentidos – um discurso – que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção de nós mesmos” (HALL, 2006, p.50).

Para tal, a cultura atua como uma criação de significações culturais, um foco de identificação e um sistema de representações, aponta Hall (2006) em suas teorias. E apontamos ainda a necessidade de ressaltarmos que a ideia de formação da identidade, por meio da cultura, pode se tornar genérica se vista de modo simplificado, não sendo possível querer, supostamente agregar todos os grupos em uma só formação. Sentimos a necessidade de nos apoiarmos no que Stuart Hall (2006) fala sobre as identidades pós-moderna e as culturas híbridas, citamos:

Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular).

As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas (HALL, 2015, p. 52).

E encerramos essa parte do texto com uma outra reflexão de Ailton Krenak (2022), na obra publicada após seminário realizado em Fortaleza, o livro “Desnaturada - Cultura e Natureza”. Krenak nos fala sobre a importância de sonhar e comunicar a terra, fala sobre essa experiência de formar constelação de pessoas embaladas pela poética. Segundo ele (KRENAK, 2022), essa experiência põe a todos nesse lugar do sonho, retirando da rotina e criando uma camada de isolamento da sensível percepção de estar vivo:

Quando nós podemos experimentar de novo essa espécie de contato com a teia da vida na sua expressão de maravilhamento, nós tangenciamos esse lugar do sonho. Há o início dos cantos e os treinamentos para eles começarem a experimentar outra sensibilidade, para eles entrarem noutra lugar que é de treinar para receber sonho.

Quer dizer, tem uma chacoalhada nesse aparato físico, nesse corpo preguiçoso, cheio de vício alimentício, para ele virar uma antena, aqui na Terra, de sensíveis imagens e comunicações, que não são só da Terra, que são do cosmo.

É a possibilidade desse corpo estar com a mesma comunicação sensível com a Terra, sonhando por dentro dela, para fora, em todas as direções. É nesse lugar que as pessoas vão formar os pajés, os curandeiros, aquelas pessoas que dizem: vocês querem que chova agora? Então, faz-se chuva (KRENAK, 2022, p. 21).

E, ao relacionar, comunicação e saberes, lembramos da importância do ser que fala, que sente, que se põe no mundo.

Nós temos um corpo que é altar sagrado, que nós precisamos cuidar. Precisamos cuidar de nós mesmos/as, cuidar dos outros, das outras. Esse cuidado também é uma forma de estar no mundo, de permitir esse corpo se expressar, porque a expressão do corpo, a comunicação dele, eu aprendi, ao longo de muitos anos, que esse tipo de comunicação é fundamental para a vida (PETIT, 2015, p. 27).

2.3 Constelações de seres

E seguimos contando histórias. Mais uma. Era agosto de 2019, em Fortaleza, em um dos eventos mais bonitos dessa cidade, a Bienal do Livro do Ceará. Nos corredores, entre livros e encontros, tivemos a alegria de conversar com o escritor e indígena Ailton Krenak. Grávida, carregava Amaro no corpo e trazia um sorriso maior que a barriga, uma alegria se fazia. Sentamo-nos em um sofá e a conversa foi uma das mais incríveis. Falava sobre essa vida que ia chegar, e lembrava de como esse menino já tinha sua narrativa antes mesmo de nascer.

E fez reflexões sobre a importância de sempre narrar, de sempre contar a trajetória de cada um, de falar das origens, da chegada, para que nunca possamos nos esquecer de onde viemos, das raízes e do chão que primeiro pisamos. E conversou sobre os povos indígenas, de como cada um traz consigo uma poética, uma cantoria, um toré. Contou que tem uma constelação de seres que estão guiando e sustentando a passagem pela Terra. E frisava: que isso era maravilhoso, que aumenta a potência do pensamento indígena num mundo que está em disputa o tempo inteiro. E lembramos de cada sentença dita por Krenak. Elas ainda ressoam, assim como a filosofia trazida por Ailton Krenak (2019) que refletimos um pouco: “Minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história”. (KRENAK, 2019, p.27).

Nosso tempo é especialista em produzir ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar e de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta e faz chover. [...] Minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história (KRENAK, 2019, p.27).

2.4 Pronunciar o mundo

Andamos por outra vereda, contando um outro enredo. Escrevemos agora sobre as reflexões dos jovens comunicadores indígenas do Ceará, diálogos sobre as histórias que escutam e as narrativas que compartilham nas redes sociais. A fim de ajudar nessa caminhada, antes de chegarmos ao momento propriamente dito, das conversas com os indígenas, achamos necessário, a fim de situarmos o leitor e a leitora sobre a comunicação no Ceará, falar um pouco sobre a página, no *Instagram*, da “Juventude Indígena Conectada”.

Para criar o mundo, é preciso primeiro falar dele. No exercício de se comunicar, falar da potência de reescrever, de remodelar e imaginá-lo, muito a partir dos anseios daqueles que apresentam a narrativa. A força de pronunciar, de dar nome, de dar vida quando se fala, se escreve, se conta. Uma anunciação, um nascimento. É isso.

Quando um jovem indígena abre seu microfone, grava um vídeo e apresenta seu trabalho em arte, por exemplo, e sua cultura - ele parece reafirmar ancestralidades nas redes, trazendo possíveis novos olhares e ressignificando o uso da linguagem - ao trazer, por exemplo, uma postagem dizendo que o termo correto não é “índio”, mas sim “indígena”, ele se propõe a subverter - subversão essa em relação à visão tradicional, homogeneizadora e eurocêntrica do ser indígena - os algoritmos e o ato de se comunicar nos aplicativos.

E como diz Manuela Carneiro da Cunha (2009) em “Cultura de contrastes”, a língua de um povo é um sistema simbólico que organiza sua percepção do mundo:

O primeiro é que termo ‘linguagem’ é, nessa disciplina, algo geralmente tomado em seu sentido mais lato: formas institucionais tanto quanto crenças, práticas e valores são linguagem, são representações. E uma relação centrada em antropologia é a que articula as representações com a organização da vida material e das relações de poder em cada sociedade (CUNHA, 2009, p. 235).

A arte logo vira um vídeo divulgado no *Instagram*, o torém vira uma live nas redes, o ato de rua vira *online*, e a juventude marca presença no meio digital. Esse é um movimento importante de se observar: as permanências, as rupturas, as continuidades e as discontinuidades.

A forma clássica da comunicação expositiva - “nós falamos sobre eles para nós” - é substituída pelo “nós falamos de nós para vocês, mas também para nós”, numa inversão que desestrutura todos os termos da questão: “todo entendimento de outra cultura é um experimento com a própria cultura” (WAGNER, 2012, p. 7). E ressaltamos aqui a necessidade de refletirmos também sobre com quem esses jovens dialogam no Instagram.

Exemplo disso foi a ação de comunicação, lançada no dia 19 de abril de 2023, no *Instagram* do Ministério dos Povos Indígenas (MPI) que traz como mote o tema “Nunca mais um Brasil sem nós”. Uma pauta que vem, conforme se explica na legenda do post publicado, em prol de uma nação que reconhece e valoriza a importância dos povos indígenas em nossa história e cultura⁵.

Como aponta Canclini (2005), é preciso analisar a cultura e as complexidades que assumem as formas de interação e de recusa, de apreço, discriminação ou hostilidade, em relação aos outros, nestas situações de confrontação assídua, as identidades dos sujeitos formam-se agora em processos interétnicos e internacionais, entre fluxos produzidos pelas tecnologias e as corporações. “Esta desconstrução dos sujeitos enimesmados e conscientes, ligados a um território, radicaliza-se num mundo em rede” (CANCLINI, 2005, p. 203). Ressaltamos que, ao mesmo tempo, há a possibilidade também de, assim, termos uma vinculação maior ao território e uma conscientização mais ampla. Estar nas redes e produzir conteúdo comunicativos é um ser-estar no mundo que pode ser chamado de re-existência – “mais do que resistir reativamente, trata-se de práticas insurgentes que fraturam a

⁵ Postagem divulga no dia 19 de abril de 2023 no *instagram* do Ministério dos Povos Indígenas, link: <https://www.instagram.com/p/CrMjbfMPRSsw/>

modernidade/colonialidade e tornam possíveis outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com” (WALSH, 2007).

E trazemos aqui Franchetto (2002) em um trecho em que ela faz uma reflexão sobre tradição e inovação nas artes das palavras e apresenta as narrativas “akinhá⁶” aprendidas na infância e na juventude e que são enriquecidas com detalhes e versões, e outras que se acrescentam a elas ao longo da vida, ouvidas de outros narradores, de estrangeiros de passagem, nas ocasiões as mais variadas. Das histórias vivas, que renascem, que se refazem, dessa importância de sempre mantermos vivas as nossas trajetórias:

Quanto mais velho o narrador, mais completos e admirados serão seu repertório e mais bonita será sua fala, seu estilo. Há sempre alguém que é o ouvinte principal e que deve responder ao akinhá o to, ao narrador. Além disso, tem o público ouvinte presente – crianças, adultos, homens e mulheres. Para contar, então, tem que ter três participantes: o narrador ou executor, o ouvinte que responde (interlocutor), e o público que escuta. Sem respondedor não tem narrativa.

Assim é em muitas culturas de tradição oral, como, por exemplo, na sociedade dos Maya Yucatec, no México. Os Maya Yucatec dizem que estória é um tipo de conversação – ‘conversação antiga’. Na sociedade Kuikuro, o velho narrador se dirige a outro velho ou a outro homem adulto. Ao tio materno responde o sobrinho, que está aprendendo a akinhá. Tem bons narradores como bons respondedores (FRANCHETTO, 2002, p. 14).

Franchetto (2002) aponta a responsabilidade de falar sobre o mundo das narrativas de seus povos e o cuidado na escuta e na escrita. Todo texto de narrativa “é uma mensagem transmitida dentro de uma sociedade, de uma cultura, dentro de um contexto, por meio de uma língua determinada e os ouvintes entendem porque sabem a língua e os significados da cultura”. (FRANCHETTO, 2002).

A autora reforça ainda que toda vez que se propõe a contar uma história, estamos escolhendo uma versão, contada por um determinado narrador, num momento específico. (FRANCHETTO, 2002). “Cada cultura tem seu jeito, seu estilo de contar, maneiras diferentes de começar e de fechar uma narrativa. Descobrir essas maneiras é o trabalho do pesquisador, de quem estuda a língua e a cultura de um povo” (FRANCHETTO, 2002, p. 7).

As culturas e as narrativas se apresentam dinâmicas, ativas, vivas. O modo de se comunicar, quais relatos contar, tudo dialoga com as rotinas, com as necessidades dos sujeitos.

⁶ Bruna Franchetto explica: escrita assim na ortografia, na transcrição fonética seria ακιθα. Na palavra akinhá, tem nela outra palavra (uma raiz), aki, que podemos traduzir para o português como significando “palavra”. Usa-se o termo akinhá para referir-se a qualquer narrativa, ou estória, seja ela simplesmente uma notícia trazida de fora, seja ela uma narrativa, uma estória, tradicional, antiga, bem elaborada, bem construída. Akinhá é um gênero de discurso Kuikuro.

No caso das atuações das Juventudes Indígenas nas redes sociais, a comunicação se confunde com as existências, com as identidades: é a pintura corporal que, na preparação de uma festividade, ganha espaço nos stories a fim de mobilizar demais parentes, é a luta pela demarcação da terra que, na urgência das disputas, vira denúncia nas postagens, é o toré que se destaca em vídeo no orgulho de mostrar sua cultura, sua narrativa.

2.5 Uma Metodologia: de ouvir e contar

Trazemos, como escolha metodológica, o interesse de que a pesquisa seja prioritariamente de caráter qualitativo (STRAUSS; CORBIN, 2008), com o objetivo de perceber a construção de narrativas, os protagonismos e o engajamento dos jovens comunicadores indígenas. Trazendo como aporte para a escolha metodológica, citamos Strauss e Corbin (2008) que apresentam a análise qualitativa como sendo uma forma de congregar saberes sobre o mundo social. Notamos que o interesse da metodologia seja a de aplicação com objetivo de salientar algo muito rico para o nosso tema aqui: as experiências exercidas pelos sujeitos em suas vivências e relações.

Uma metodologia que encaixa e acaba por formar um bom “par” na caminhada que escolhemos fazer com os jovens indígenas comunicadores do Ceará. Trazemos, num enlace combinado, o uso de entrevistas a fim de trazermos mais subsídios e posicionarmos o lugar e a voz dos jovens. A escrita feita com criatividade, com leveza e liberdade, como quem escuta o outro em “sombra” de árvore, com ouvidos atentos para o que virá, sem esquecermos os afetos, os sentimentos, a subjetividade.

Análise é a interação entre os pesquisadores e os dados. É ciência e arte. É ciência no sentido de manter um certo grau de rigor e por basear a análise em dados. A criatividade se manifesta na capacidade dos pesquisadores de competentemente nomear categorias, fazer perguntas estimulantes, fazer comparações e extrair um esquema inovador, integrado e realista das massas de dados brutos e desorganizados. Ao fazer pesquisa, lutamos por um equilíbrio entre ciência e criatividade (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 25).

O desejo é alcançar um modelo e um caminho narrativo que nos ajude a perceber o fenômeno a ser investigado e garanta, com mais fluidez e leveza, que possamos construir e organizar conceitos e premissas com atenção aos indivíduos, seus sentimentos, suas trajetórias, sonhos e desejos - não apenas se centrando em dados e indicadores - mas na caminhada e no que permanece e no que se rompe - enquanto se caminha, age, fala, se posiciona no mundo e nas redes.

3 COMUNICAR PARA CONTAR HISTÓRIAS

Para situar o leitor e a leitora trazemos aqui um rápido panorama: no Ceará, existem 16 povos articulados e organizados no movimento indígena, morando em mais de 100 aldeias, situadas em pelo menos 26 municípios, compondo 25 áreas indígenas, segundo dados da Associação para Desenvolvimento Local Co-produzido (Adelco⁷). O Ceará possui, ainda conforme a Adelco, uma população composta por mais de 30 mil indígenas residentes no Estado. Apenas um território está homologado – a terra indígena Córrego João Pereira, da etnia Tremembé.

Antes de seguirmos com o tema, faz-se necessário apresentar e discutir - de forma breve, visto que esse não é o principal objetivo da pesquisa - o contexto histórico e político do Movimento Indígena e das terras do Ceará. Para tal, utilizaremos a publicação “Diagnóstico e Estudo de Linha de Base Relatório Final do Projeto Urucum Fortalecendo a Autonomia Político-Organizativa dos Povos Indígenas”⁸, organizado pela Adelco e divulgado no ano de 2016, no site institucional da organização. Conforme o documento cita na página 12, a emergência do movimento indígena no Ceará como um ator político se dá no contexto de “redemocratização do país e mobilização nacional pela garantia dos direitos indígenas e demarcação de terras indígenas no âmbito da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988 e que resultou na garantia de direitos constitucionais aos índios no Brasil” (ADELCO/ESPLAR, 2017, p.12).

O relatório (ADELCO/ESPLAR, 2017) cita ainda que, segundo o texto, os primórdios da articulação do movimento indígena têm início no final da década de 1970 a partir do processo de emergência e luta dos índios Tapeba e Tremembé com apoio de parceiros ligados à Igreja Católica (Pastorais Sociais, Arquidiocese de Fortaleza), ONGs (Missão Tremembé) e Universidades. Posteriormente outros povos foram se auto identificando e se articulando ao movimento. A partir de 1980, os povos indígenas do Ceará ganham maior visibilidade, com o suporte de um grupo de apoio constituído pela Arquidiocese de Fortaleza. Inicialmente os Tapeba, e posteriormente, os Tremembé, os Pitaguary e os Jenipapo-Kanindé passaram a reivindicar da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a demarcação de suas terras e o seu

⁷ “Diagnóstico e estudo de linha de base” (2019 - Centro de Documentação Indígena no site adelco.org.br/centro-documentacao).

⁸ “Diagnóstico e Estudo de Linha de Base Relatório Final do Projeto Urucum Fortalecendo a Autonomia Político-Organizativa dos Povos Indígenas”, publicado em setembro de 2016 no endereço https://adelco.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Relatorio-Estudo-de-Linha-de-Base_vers%C3%A3o_final_com-ficha_isbn_978-85-94052-00-1.pdf

reconhecimento étnico. Ainda conforme o documento, a partir de 1994, os povos indígenas do Ceará passam a reunir-se em assembleias anuais para discutir por meio de seus representantes, os avanços, desafios e estratégias de atuação dos povos na luta pela efetivação de seus direitos. Entre as principais reivindicações defendidas na agenda política dos Povos Indígenas do Ceará destacam-se: a luta pela regularização fundiária das terras indígenas, pela educação diferenciada de qualidade, pela efetivação do subsistema de atenção à saúde indígena e saneamento junto a todas as etnias indígenas do estado e o combate a toda forma de violações aos direitos indígenas. (ADELCO/ESPLAR, 2017). O relatório aponta ainda que a não demarcação das terras traz consigo uma série de prejuízos aos povos indígenas como “perda do patrimônio material e imaterial, a contaminação e degradação ambiental, destruição dos recursos hídricos e territoriais, discriminação e preconceito, negação e incompreensão da autodeterminação e, sobretudo, uma série de conflitos territoriais” (ADELCO/ESPLAR, 2017, p.39).

No contexto atual de constantes violações dos direitos dos povos indígenas, o grande desafio para o movimento indígena do estado do Ceará é dar visibilidade às suas ações, bandeiras de lutas e as violações sistemáticas de direitos, buscando, sobretudo, o respeito à identidade e à integridade (ADELCO/ESPLAR, 2017, p. 15).

As 16 etnias indígenas são: Tapeba, Pitaguary, Jenipapo-Kanindé, Anacé, Kanindé, Tremembé, Gavião, Kalabaça, Potiguara, Tabajara, Tapuia-Kariri, Tubiba-Tapuia, Pitaguary, Kariri, Paiacú e Jaguaribara/Karão. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) noticiou, no dia 3 de abril de 2023, que o Censo Demográfico já registra 1.652.876 indígenas em todo o país, um Brasil múltiplo e diverso em todos os povos, regiões, aldeias e cidades.

Importante ressaltarmos aqui - seguindo com o contexto histórico - que um Relatório Provincial de 1863⁹ dava como extinta a população indígena no Estado do Ceará. No entanto, após mobilização do Movimento Indígena, foi aprovada a Lei 17.165/20¹⁰, de autoria do Deputado Estadual Renato Roseno, que reconhece a existência e a contribuição cultural dos povos indígenas no Estado do Ceará. Em matéria¹¹ publicada em 2020, a liderança indígena Weibe Tapeba, comenta que a lei representa um marco importante na história do nosso estado. “É uma norma que minimiza os efeitos do danoso Relatório Provincial de 1863, que dava como

⁹ Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública do Ceará (BECE). Relatórios dos Presidentes da Província do Ceará. Rolo 2 (1858 a 1864). Relatório do presidente José Bento da C. F. Júnior, à Assembleia Legislativa Provincial. 1863. Este relatório foi apresentado na Assembleia Provincial pelo presidente da província José Bento da Cunha Figueiredo Júnior naquele ano.

¹⁰ A lei foi publicada no Diário Oficial do Estado do dia 2 de janeiro de 2020.

¹¹ Acesse aqui a matéria <https://www.renatoroseno.com.br/noticias/lei-direitos-povos-indigenas-renato-rozeno>

extinta à população indígena no Ceará. Sempre estivemos aqui. O Estado do Ceará faz justiça reconhecendo a presença da diversidade dos povos indígenas na construção de sua sociedade¹²”.

Os indígenas do Ceará se organizam na Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Ceará, na Articulação das Mulheres Indígenas no Ceará (AMICE), na Coordenação dos Jovens Indígenas do Ceará (COJICE), na Organização dos Professores Indígenas do Ceará (OPRINCE), e em demais associações indígenas locais das comunidades ou das aldeias (a depender da compreensão de cada povo), em organização formal ou informal de mulheres e/ou de juventude.

Em 2020, jovens comunicadores indígenas se organizaram no coletivo da “Juventude Indígena Conectada do Ceará - JIC”. A JIC é um exemplo - entre outros existentes no Ceará e no Brasil - de organização de juventudes voltadas para o ambiente virtual, com espaços de relevante participação juvenil indígena, com atuação nas plataformas de redes sociais e nas lutas por direitos, sobretudo, nas pautas de direitos humanos, direito à comunicação e demarcação da Terra Indígena. Nesse movimento, houve, em 2020, o nascimento da JIC: no dia 14 de agosto, com a participação de jovens indígenas de todo o Ceará. Em manifesto de lançamento no *Instagram*, eles mesmos se apresentam:

A JIC é uma ferramenta de luta e resistência dos povos indígenas para que, por meio das redes sociais, os jovens possam desconstruir uma série de estereótipos que as pessoas são acostumadas a ter em relação ao fenótipo das populações indígenas, principalmente do Ceará. Somos, jovens indígenas guerreiros (as), que buscam uma vida melhor e digna, com a demarcação das terras.

Sem terra não há vida, que querem ter vez e voz e mais espaço em vários setores dentro da sociedade, sofrem muito por conta do preconceito, não querem aceitar o que somos, mas justamente por isso, devemos ter VOZ ativa e se impor mais em determinadas situações. Nós, jovens, resistimos a uma história que não é contada por nós, somos os que resistem a qualquer padrão e definições que a atual sociedade nos impõe¹³.

Observamos que o principal objetivo da JIC é a desconstrução do estereótipo de indígena, aparentemente comum à vida social não indígena. Dialogando com a JIC, temos o diagnóstico produzido pela Adelco (2019) que retrata uma juventude indígena organizada, escolarizada, com acesso à internet, que utiliza as plataformas de redes sociais como principal meio de interação e comunicação, que se pensa como protagonista, e que participa do movimento indígena e de suas lutas.

¹² Acesse aqui a matéria <https://www.renatoroseno.com.br/noticias/lei-direitos-povos-indigenas-renato-roseo>

¹³ Manifesto publicado no site cdpdh.org.br, no dia 27 de setembro de 2020.

Os jovens indígenas estão com presença no *Facebook*, no *Instagram*, no *TikTok*, no *Youtube*, a citar, por exemplo. A JIC traz como primeira ferramenta de atuação comunicacional a conta do *Instagram* da JIC, do *Youtube* e do *Facebook*. A JIC, como os próprios indígenas apresentam em seu manifesto, tem o objetivo de produzir notícias que apresentem a realidade de cada comunidade indígena, promovendo equidade e respeito. Desta forma, torna-se muito importante investigar as práticas discursivas de jovens indígenas cearenses no *Instagram*.

E a escolha pela rede social *Instagram* se deu pela percepção de que, no ano de 2023, durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa, esse era o local com maior presença deles e interação. O *Instagram*, naquele momento, era a rede social que mais possui seguidores dentre as outras plataformas. Sob essa análise, percebemos, e as entrevistas reforçam isso, dialogamos sobre a rede em questão se mostrar como sendo esse novo instrumento possível de ocupação, uso, e de dar vazão às pautas dos indígenas e as formas de interação contemporânea.

Nesse sentido, há variadas possibilidades com os adventos da rede de comunicação alternativa: Com o grande fluxo de informações que transita pela internet, há a contínua interação entre indivíduos que discutem, argumentam, trocam ideias e ideais, criando uma grande rede de conhecimento compartilhado. Surgem novas possibilidades de articulações e questionamentos a respeito de política, cultura, economia e afins, transformando a sociedade, o indivíduo e as mobilizações sociais (FLEURY, 2015, p. 10).

E seguimos dialogando com Fleury (2015) quando ele nos fala que a criação de redes possibilitou aos coletivos tomarem novos caminhos, conceber novas articulações e formar múltiplas ligações. “Ultrapassando barreiras territoriais, as redes sociais tornaram-se flexíveis de forma a romper espaço e tempo através das tecnologias, determinando níveis de participação que fogem de escalas locais, e trazendo a hegemonia aos movimentos sociais contemporâneos” (FLEURY, 2015, p.66)

O uso e a interação dos jovens comunicadores indígenas nas redes sociais, nos últimos anos, parecem demonstrar um fenômeno de descentralização das informações - isso quando fazemos um paralelo com os veículos de “comunicação de massa”, cujos conteúdos são monopolizados por corporações. Essa é uma característica dos coletivos dos anos 2000 os quais se apropriam, cada vez mais, das tecnologias de comunicação com fins de promover suas lutas e protagonizar suas narrativas. Em consequência, há o crescimento de autores “comuns que fazem das mídias sociais um canal de comunicação, um espaço de interação e, sobretudo, um meio de autoria” (BURGESS; GREEN, 2009; LEMOS, 2010). Há uma crescente também,

assim podemos apontar, de uma descentralização de comunicadores, de pessoas e de coletivos que criam suas próprias comunicações e redes de difusão.

É possível observarmos esse fenômeno quando ele alcança a autoria comunicativa de jovens indígenas cearenses e suas relações com o *Instagram*, por exemplo. Pensarmos uma análise da produção de conteúdos de autoria indígena e de sua respectiva audiência é importante para caracterizar como se dá o fenômeno de descentralização de tecnologias de comunicação no contexto dos jovens comunicadores indígenas do Ceará.

Diante disso, é importante conhecer a produção de conteúdos e as narrativas construídas por esses jovens indígenas a partir dos conteúdos produzidos por eles, a autorrepresentação e a autoafirmação da identidade indígena proporcionada pela interação gerada entre indígenas e não indígenas nessa modalidade de comunicação.

O uso das tecnologias comunicativas por jovens indígenas cearenses se refere também a questões de direitos, mapear os limites e as possibilidades das redes sociais enquanto ambiente de interação comunicativa a serviço do protagonismo indígena é relevante para pensar o fenômeno da descentralização da comunicação em redes.

Castells (2003) pensa que a transformação das imagens compostas no ambiente virtual se dá na experiência, o que sugere pensar que a vivência dos jovens indígenas nas redes e na luta é fundante da autorrepresentação de si e de sua respectiva coletividade. Para Castells (2003), as redes são compostas por um padrão social baseado no individualismo - diferente, portanto, de um espaço de produção de identidade coletiva, os sujeitos criam suas redes, tanto on-line quanto off-line, planejadas por interesses e suas afinidades. No caso dos espaços on-line, acabam construindo também coletivos virtuais. “Observamos o desenvolvimento de uma comunicação híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar (para usar a terminologia de Wellman) para atuar como suporte material do individualismo em rede” (CASTELLS, 2003, p. 135).

O autor segue afirmando que o surgimento da internet, nas últimas décadas do século XX, se deu a partir de uma junção entre interesses de cooperação científica e cultura (CASTELLS, 2003). Conforme aponta o teórico, embora a internet tenha sido construída para fins de comando, foi absorvida também para funções de compartilhamento de informações e formas de se relacionar.

Conhecer as experiências de comunicação e as narrativas dos jovens indígenas é circunscrever experiências históricas que conectam mídias sociais e um cotidiano específico de relacionamentos e de pautas políticas. Para tanto, importa considerar a relação de poder que

envolve essa ação comunicativa, diante de uma hegemonia cultural e comunicacional que ignora a diversidade cultural e étnica brasileira.

A interação promovida pelas relações e narrativas nas redes sociais é promotora de relações socioculturais, comunicativas e midiáticas transformadoras dos níveis sensíveis e perceptíveis (BENJAMIN, 1996) e no contexto indígena cearense de dezenas de povos é um fenômeno expressivo que se dá num “campo social” (BOURDIEU, 2007) de disputas constantes, cuja dinamicidade merece atenção na Comunicação Social.

Estudar as narrativas e as relações dos jovens indígenas nas redes a partir das experiências deles é assumir que esse processo comunicativo é de desconstrução contínua e de ruptura com a hegemonia nos meios de comunicação. Di Felice considera as mídias como sendo um conceito aberto no âmbito das possibilidades que “em lugar de fechar a experiência e o conhecimento numa forma definida, o abre a pluralidades contraditórias de sentidos, práticas e significados” (DI FELICE, 2017, p. 23). E o processo comunicacional em relevo é histórico e permeado por contradições, o que possibilita enriquecer o conhecimento a respeito do fenômeno comunicacional e relacional.

Ao ouvir o que esses jovens têm a nos dizer, estamos interessados em analisar os fenômenos do protagonismo que essa juventude indígena produz e um espaço comunicativo a ser conhecido. Para tanto, estamos considerando, nesse contexto, que a tecnologia comunicativa constitui os fenômenos referentes à ação como mediadora de transformações da cultura.

Desse modo, as mídias sociais comportam um significado novo na sociabilidade - e na produção de narrativas - em que passa pelas escolhas e estratégias de atores sociais (CASTELLS, 2003), no caso, os jovens comunicadores indígenas do Ceará, e podem influenciar na reorganização do cotidiano e nos coletivos, sobretudo no que se refere às compreensões das identidades, dos protagonismos e acesso a direitos.

O uso de mídias sociais já parece exercer influência significativa na percepções do ser e estar no mundo, seja enquanto indivíduo que produz conteúdos digitais, seja o jovem que caminha junto com os demais no movimento indígena, - faz-se necessário conhecer o processo comunicativo, elencar seus agentes e suas motivações e isso exige conhecer a pauta dos movimentos e o lugar que a comunicação ocupa nela, o que insere esta reflexão também no âmbito do debate sobre democratização da comunicação, por exemplo, e a ampliação das vozes e acesso à direitos.

Importante análise a se trazer aqui é essa: caracterizar esse fenômeno e essas narrativas comunicacionais pensando-as de um modo singular, do ponto de vista histórico e das

experiências da juventude indígena, de tal modo, que se ponha em tela a presença deles nas plataformas de comunicação, percebendo os arranjos feitos entre a pluralidade de vozes do cotidiano de lutas e a multiplicidades de redes sociais como uma relação histórica produtora de experiências comunicacionais específicas, tão próprias, que atravessam a todos.

E, nesse tensionamento do papel e da importância das redes, vamos propondo um horizonte de análise cada vez mais vasto com o qual temos o interesse em confrontar destinos individuais e narrativas pessoais, “colaborando para oferecer às pessoas nova perspectiva da qual observar as suas ações e as suas identidades” (MEYROWITZ, 1995, p. 31).

A produção de narrativas indígenas nas redes sociais e como esses jovens interagem acaba por ampliar, ao nosso ver, essas possibilidades de experiências de contatos diversos, fluidos, interétnicos. Por outro lado, essa modalidade de interação social e de construção de narrativas parece ser permeada por tensões que se instalam no conteúdo comunicativo produzido pelos jovens indígenas pelo fato de se tratar de um fenômeno social. Explorar essas questões no âmbito dos conteúdos e das experiências em comunicação dos jovens é também uma dimensão da descentralização, tema esse que será explorado em breve.

Ressaltamos e trazemos para a reflexão o conceito de “mídias nativas”, originalmente proposto pelo sociólogo Massimo Di Felice de modo a alcançar experiências de jovens e de outros grupos historicamente silenciados com a produção de narrativas comunicativas. “Através das redes digitais, passaram a produzir conteúdo e a disponibilizá-lo na rede [...] Criando um ecossistema no interior do qual habitam todos aqueles que criam idéias, pensamentos, culturas, prazer, arte, conteúdos na rede” (DI FELICE, 2010, p. 6).

Essa noção nos ajuda a pensar que os jovens indígenas colocam nas redes sociais uma perspectiva própria sobre o que é ser indígena e os protagonismos e os direitos que perseguem. Construir essa “mídia nativa” significa não somente dar voz aos sujeitos silenciados e subalternizados, mas comunicar as formas de representação de si, de ser e estar no mundo e de representá-lo, em que a disseminação de discursos e dispositivos simbólicos veicula tecnologicamente dimensões cognitivas e novas práticas culturais, para além do acesso à cidadania.

As presenças das narrativas indígenas nas redes sociais parecem atualizar essas percepções das identidades à medida que são notadas como processos que se relacionam com as histórias de pertencimento e as reelaborações culturais. Pensando com Martin-Barbero (2001) sobre “mídia como elemento da mediação cultural” - e também sobre os “destempos”, e as distintas temporalidades -, as narrativas comunicacionais desenvolvidas pelos jovens

indígenas parecem produzir e reproduzir os sentidos e significados na interação entre emissores e receptores, entre os indígenas e os não indígenas.

Um importante caminho a ser percorrido na contextualização dessa linha de pensamento acaba passando por um conjunto conceitual que trazemos aqui: da comunicação feita por indígena, das narrativas e protagonismos, representações e as autorrepresentações, as afirmações. Assim, torna-se importante perceber a comunicação e narrativas comunicacionais a partir das referências que as posicionam como abertas, em constantes mutações de meios e de conteúdos - nesse sentido de se “desmanchar”: refazendo, distendendo, alongando seus planos, abrindo para as suas relações com os de fora e os de dentro. Fazeres comunicativos que nos ensinam a ver e a reaprender e a imaginar, ou, nos termos de Kopenawa (2015), a potencializar. Um ser e estar no mundo, um se comunicar que povoa, que aprofunda, que conversa, se mistura.

3.1 Rede de Comunicadores Indígenas do Ceará

Faremos considerações e reflexões breves - pois esse aqui não seria o principal objetivo da nossa caminhada - com uma rápida análise do canal do *Instagram* da Juventude Indígena Conectada (JIC) e de um vídeo publicado chamado “Organização”. Além do protagonismo que diversos jovens indígenas cearenses exercem nas suas redes sociais como citei acima, podemos ressaltar também a organização deles em coletivos de comunicação, a citar, como exemplo, a página da “Juventude Indígena Conectada - JIC”, com 379 publicações e 2.252 seguidores¹⁴.

O site da ADELCO, apresenta, no seu Centro de Documentação Indígena, uma lista ¹⁵ com “comunicadores/as indígenas”, que apresenta, conforme observação feita no dia 19 de abril de 2023, um total de 32 comunicadores e 13 canais, entre *podcasts, blogs e sites*. Um espaço, criado e alimentado por indígenas, que vem ganhando destaque e reconhecimento dos povos e do movimento indígena. A JIC é um exemplo sobre a importância que a pauta da comunicação vem ganhando e sobre a necessidade de contar histórias, a exemplo disso, trazemos o vídeo “Organização” publicado no *Instagram* da JIC ¹⁶.

Boas Vindas- JIC. Olá parente, tudo bem? Já pensou em fortalecer a luta do seu Povo através da comunicação? - Não? Então deixa a gente te contar uma coisa... A comunicação tem se tornado uma importante aliada dos Povos Indígenas na defesa do

¹⁴ Dados observados no dia 19 de abril de 2023.

¹⁵ Lista publicada no site http://adelco.org.br/outros_documentos/comunicacao-indigena/ e analisada no dia 19 de abril de 2023.

¹⁶ <https://www.instagram.com/p/CaZgJDQjOo0/>, postado no dia 25 de fevereiro de 2022

território e da vida. Comunicar para contar histórias, informar, denunciar e fortalecer as lutas.

Esse é o momento ideal de você jovem indígena conhecer e/ou compartilhar seus conhecimentos em diversas áreas da comunicação: Fotografia, vídeos e áudios, produção de textos e entrevistas escritas, designer gráfico, produção de conteúdos artísticos, produção de podcast e administração de redes sociais e assim contribuir com a construção da Rede de Comunicadores Indígenas do Ceará- Juventude Indígena Conectada (JIC). Vem conosco?¹⁷

O vídeo mostra rostos de jovens indígenas da JIC, com um toré ao fundo, traz falas de convocação, de convite - “já pensaram em ecoar a voz de vocês através da comunicação?”. Ressaltam a importância de trazer uma “história que foi muito tempo apagada”, e de se organizarem em coletivo “pois cheguem junto da JIC que juntos demarcaremos as telinhas”. Em destaque, na tela final, após a apresentação de cada um, os dizeres: “Educar na mídia também é um processo de resistência”.

E seguimos aqui dialogando agora com Alexandre Freitas Haubrich (2015), e as suas análises apresentadas no artigo “Reflexões e Caracterizações sobre Mídias Alternativas¹⁸” (2015), e as colaborações que ele nos apresenta sobre o que chama de “comunicação alternativa”, conceito esse que pode nos auxiliar, apesar de esse não ser um dos nossos principais objetivos aqui. Para Haubrich (2015), a comunicação alternativa é compreendida como sendo esse espaço onde se ressaltam os protagonismos diversos, se fortalecem as pautas coletivas e as lutas construtoras de identidades, potencializando a criação de uma espécie de teia, assim afirma o autor, ou de rede que integra, através do discurso, da formulação e da informação com viés coletivo, diversos grupos sociais.

A comunicação alternativa leva para a sociedade em geral o discurso e a realidade das margens, procurando atingir e quebrar o que Tagle chama de ‘monólogo do poder’. Porém, cabe destacar que colocar a centralidade da questão conceitual sobre mídia alternativa no problema do posicionamento frente à sociedade tal qual esta está organizada não significa isolar esse de outros argumentos.

Pelo contrário, o posicionamento político ideológico abarca diversos aspectos da prática dos meios de comunicação alternativos, começando pelo conteúdo mas passando, especialmente, pela forma como estabelece relações com os movimentos populares, com os sujeitos oprimidos, e, por outro lado, com os poderosos e suas instituições – inclusive a própria mídia dominante (HAUBRICH, 2015).

¹⁷ Trecho de Legenda de Vídeo postado no dia 25 de fevereiro de 2022, no instagram da juventude_indigena_conectada - <https://www.instagram.com/p/CaZgJDQjOo0/>

¹⁸ Artigo “Reflexões e Caracterizações sobre Mídias Alternativas”, de Alexandre Freitas Haubrich, publicado no Portal Intercom, 2015, no link <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3951-1.pdf>

E seguimos conversando mais um pouco sobre as análises apresentadas por Haubrich (2015) quando ela nos fala sobre as caminhadas da comunicação alternativa no país, o que se pode perceber, segundo o autor, é a estreita aproximação entre as formas de ação da mídia alternativa e o cenário social, “especialmente no que se refere às lutas construídas pelos movimentos populares. Ao mesmo tempo, as transformações tecnológicas também conduzem modificações importantes nos formatos e linguagens das mídias alternativas” (HAUBRICH, 2015).

Os meios de comunicação alternativos, portanto, influenciam e são influenciados de forma substantiva pelo ambiente em que atuam, de maneira que contextos mais progressistas, democráticos e que têm como marca o crescimento da capacidade de mobilização dos movimentos populares (HAUBRICH, 2015, p. 70).

E posicionar o debate sobre comunicação alternativa ao lado desse fenômeno da produção de narrativas dos indígenas nas redes sociais contribui para avançarmos para mais um importante conceito aqui: a da cidadania, que também atravessa os processos de produção dos conteúdos, muitas vezes fortemente vinculados à participação coletiva, afirma Peruzzo.

[...] contribui para o exercício da cidadania ao representar um canal para o exercício da liberdade de expressão, por meio do qual as pessoas podem se expressar, independente de convicções políticas, credos religiosos, escolaridade, qualidade de voz, gênero etc. [...].

Ao se envolver na dinâmica radiofônica a pessoa se desenvolve, aprende a falar em público, a externar conhecimentos, dons e criações artísticas, a compreender melhor o jogo de interesses internos e externos a que a mídia está sujeita, bem como a reconhecer a realidade que a cerca e se interessar em contribuir para mudanças (PERUZZO, 2005, p. 8).

E aprofundando o que Peruzzo (2005) tem a colaborar sobre a comunicação alternativa, seguimos aqui com a autora que entende que, para ela, a comunicação alternativa trata-se de uma expressão midiática das pautas coletivas e populares que se desenrolam a partir dos coletivos e movimentos. Para Peruzzo (2005), a atuação dessa mídia se enlaça com a ideia de povo e suas necessidades e manifestações, afirma.

Consoante a isso a comunicação alternativa serve como instrumento de conscientização e atua como informadora, de modo a contribuir para transformações sociais: No conjunto, a comunicação alternativa representa uma contra-comunicação, ou uma outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e ‘comunidades’, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de instrumento de conscientização e, assim democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social (PERUZZO, 2005, p. 02).

Protagonismo é uma palavra importante para entender o conceito da autora que acaba por enxergar na ação comunicacional coletiva, o norte principal da mídia alternativa - ressaltamos aqui um diferencial do que Castells (2003) disse anteriormente sobre a rede social ser individualista -, que deve, conforme ela, necessariamente ser portadora de conteúdo crítico com sentido e horizonte de emancipação.

É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. É assim, e se pautando por uma efetiva desvinculação de aparatos governamentais e empresariais de interesse comercial e/ou político-conservador que a mídia alternativa pensa e produz seu conteúdo, que deve, por consequência, ter caráter libertador, emancipador e transformador, em suma, contestador ao status quo (PERUZZO, 2005).

Após a preparação da terra, nas primeiras páginas deste texto, seguimos agora para o momento da fertilização do solo e posterior semeadura, que trará, após um tempo de observação, para a colheita. Se pudermos assim dividir esse produto acadêmico, assim seria: terra fértil, semeadura, espera e colheita.

Destacamos aqui para reflexão, nesse processo de “adubar” o solo, um tanto de saber e de oferta que os jovens comunicadores indígenas do Ceará plantaram em nós. Foram encontros presenciais e online, realizados no ano de 2023, que floresceram ideias que compartilhamos. Realizamos entrevistas com Merremii Karão, Janaina Jenipapo, Luan de Castro Tremembé, Renan Tabajara, Jardel Potyguara e Rodrigo Tremembé. Trazemos para vocês as narrativas e as reflexões desses seis comunicadores indígenas do Ceará em entrevistas realizadas.

3.2 Rodrigo Tremembé: “Que história sua roupa conta”

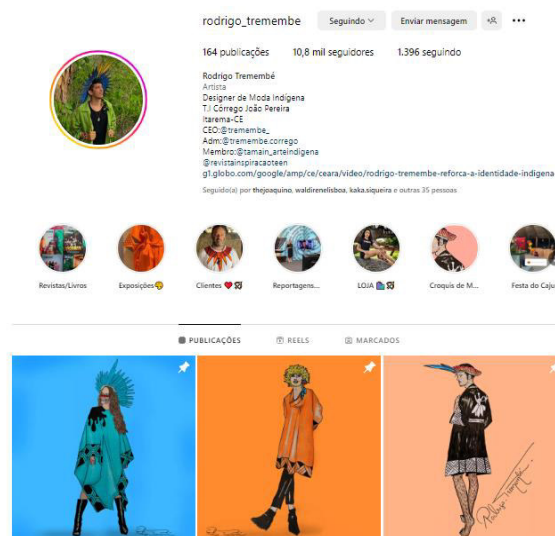
Falamos, com destaque, sobre a atuação de Rodrigo Tremembé nas redes, para que possamos tentar perceber a relação do artista com a plataforma, as formas e as estratégias que ele cria para dialogar, interferir ou não, na audiência e nos engajamentos, vivenciando essa mistura de moda e política e como isso viria a emergir nos seus textos, fotos.

Apresentamos o jovem indígena Rodrigo Tremembé, da Aldeia Córrego João Pereira, no município de Itarema, Ceará. Em meio a croquis de moda, pincéis coloridos, pinturas de urucum e jenipapo, ele desenha e apresenta suas criações. Sua fala nos convida a conhecer mais sobre seu povo ao apresentar as pinturas, modelagens de vestidos e peças de artesanato. Essa estética se materializa em vestidos, camisetas, bolsas, indumentárias representativas da ancestralidade e da cultura Tremembé. Além disso, o conteúdo desse jovem indígena sucinta a

reflexão crítica sobre o papel político da moda. Em uma de suas postagens nas redes, Rodrigo indaga: "O vestir também é político. Que História sua roupa conta¹⁹?".

Ao falar da cultura da moda e do vestir, o jovem indígena Tremembé conta, nas suas redes sociais, histórias mostrando a sua rotina na aldeia, os bastidores das criações das peças, as inspirações das matas, a cor do urucum e a geometria do grafismo indígena. O pensamento estético desse jovem Tremembé salta do papel e logo vira vídeo. Com 164 publicações no *Instagram*, Rodrigo Tremembé conta com 10,8 mil seguidores²⁰. O conteúdo do Rodrigo Tremembé parece proporcionar, aos seus seguidores, uma experiência íntima na sua criação. Trata-se da possibilidade de mergulho na cultura indígena e de uma vivência em ambiente virtual com relatos sobre o preconceito que ele tenta denunciar na sua condição étnica.

Figura 01 - Reprodução do *Instagram* de Rodrigo Tremembé, em 19 de abril de 2023



Fonte: reprodução do *Instagram*.

Trata-se de um jovem indígena que transpõe sua militância política e sua arte para o ambiente digital, em um movimento de performar e tentar dialogar com as tendências dos aplicativos, editando vídeos e gerando engajamento, o que é comum aos sujeitos que se convencionou chamar de “influencers”. Em um mesmo dia, nas redes sociais, Rodrigo Tremembé faz postagens, em vídeo, com um interesse em denunciar as violências sofridas contra seu povo.

¹⁹ *Instagram*: @rodrigo_tremembe. Disponível em: [instagram.com/p/CPf-X-KhpL1](https://www.instagram.com/p/CPf-X-KhpL1). Acesso em 30 de maio de 2021.

²⁰ Dados verificados no dia 19 de abril de 2023.

Ele chama atenção, no *Instagram*, para ações do movimento indígena, em uma tentativa de se envolver com o humor das redes, com as modas e as danças no “*reels*”, rebatendo racismos que ele aponta sofrer por ser indígena; ele realça sua identidade enquanto jovem indígena e, minutos depois, posta um croqui de vestimenta inspirado em grafismos do seu povo. Um movimento importante de se observar: as suas criações da “moda” e do vestir parecem dialogar, de forma intensa, com a sua identidade, em uma dança, ao nosso ver, sincronizada entre a vivência e a invenção.

Ressaltamos aqui uma postagem em que apresenta um croqui de moda indígena celebrando a artista Tremembé Navegante. “Representação de Resistência e Grafismo de uma artesã de meu povo, a mandala/estrela foi feita por Navegante na década de 90 e se destaca de todos os Grafismo que já vi, nós Tremembé de Itarema somos povos da terra e do mar²¹”.

Observando a atuação de Rodrigo Tremembé e de outros indígenas que estão nas redes, destacamos as narrativas de Di Felice (2017) com o “net-ativismo”, termo que se encaixa muito com essas novas conexões feitas pela juventude. Para o autor, a primeira fase do net-ativismo foi marcada pelo compartilhamento de textos e pela passagem da mídia alternativa para a mídia participativa na Internet, ainda bastante centrada na figura de líderes e com um modelo comunicativo unidirecional de um para muitos.

Numa segunda etapa, sempre acompanhando as mudanças tecnológicas da própria Internet e das plataformas digitais, surgem novos tipos de conflitos e participação descentralizados, com a participação de pessoas e movimentos. A partir da terceira fase, com a Internet 2.0 e das redes sociais, começa uma maior “interação colaborativa entre pessoas, dispositivos de conexão, bancos de dados e territorialidades” (DI FELICE, 2017, p.135). É nessa terceira fase que temos a chance de encontrar pontos interessantes nos diálogos entre comunicação, interação e afirmação cultural e territorial.

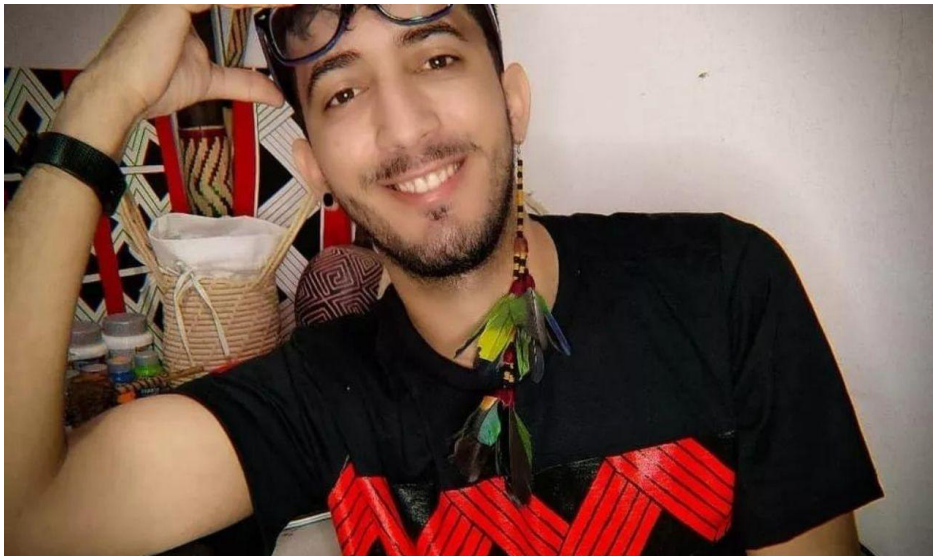
Ao falar do Rodrigo Tremembé, ressaltamos aqui também outros indígenas que atuam nas redes sociais, e como a voz deles ganha força quando as identidades se ressaltam, como a cultura se faz e refaz a cada construção, cada comunicação - sua maneira de produzir se desenvolve a partir da formação de sua própria “identidade, de sua cultura e ancestralidade. É um sentido de produção de rotinas de comunicação, que se estabelece com o princípio de respeito à fala e aos processos mnemônicos de quem emite a informação” (NASCIMENTO;

²¹ Instagram: @rodrigo_tremembe. Disponível em: [instagram.com/p/COIn_QChpOu/](https://www.instagram.com/p/COIn_QChpOu/). Acessado em 26 de abril de 2021).

BASTOS, 2020, p. 65). Rodrigo fala um pouco sobre seu nome e origem, explica que Tremembé é o nome do seu povo.

Meu nascimento foi numa casinha de Taipa, pelas mãos de uma curandeira (minha vó), dela me veio o dom da pajelança através da arte. Na terra eu sou semente, sou fruto. Essa metáfora está relacionada a ancestralidade e encantaria (nossa espiritualidade), pois nossa relação com a natureza é umbilical, somos frutos dos troncos velhos, nossos anciões. Ser semente é entender que podemos semear e reflorestar espaços e mentes²².

Figura 02 - Reprodução do *Instagram* de Rodrigo Tremembé



Fonte: reprodução do *Instagram*.

E assim, apresentando-se como semente que pode reflorestar, o comunicador indígena Rodrigo Tremembé se mostra, em uma conversa online, realizada no dia 30 de janeiro de 2023. A conversa seguiu, após a descrição de como ele se vê no mundo, e nós falamos um pouco sobre as redes sociais que ele se engaja. No *Instagram*, a biografia o define como “Designer de Moda Indígena”, então faço a pergunta “O que é ser “designer” para você?”:

²² Entrevista *online* com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

Figura 03 - Reprodução do *Instagram* de Rodrigo Tremembé



Fonte: reprodução do *Instagram*.

Design é um termo novo para algo que já venho fazendo desde minha origem, na vivência da aldeia a arte não é objeto, ela faz parte de nossas vidas. Desde minha memória mais remota, lembro de estar desenhando no chão da aldeia, com o dedo, com gravetos. Ao crescer e ter dimensão que lá fora as pessoas chamam isso de ‘design, arte’ aprendi que havia a possibilidade de costurar ao ancestral ao moderno²³.

Rodrigo Tremembé atua na área da moda e percebe, enquanto conversa conosco, que as vestimentas não são apenas elementos estéticos, mas que, para ele, elas reforçam a identidade, pois “somos reflexo do que vestimos, nossas roupas não falam, mas dizem muito sobre quem somos”, afirma.

Ser designer de moda Indígena é um desafio, pois vejo desde há muito que o conceito de arte presente na sociedade é algo muito branco, elitista e eurocêntrico. Quando olho para as passarelas, para a indústria criativa como um todo, e vejo a ausência de representatividade Indígena, percebo que há uma subalternização dos povos Originários – fruto da colonização – que ainda está em curso. Por isso precisamos nos fazer ouvir e presente, e acessar espaços antes inimagináveis a nós. O Design do ponto de vista Indígena toma uma dimensão decolonial, onde o viver e a arte não se distinguem²⁴.

No *Instagram*, Rodrigo Tremembé tem mais de 14,1 mil seguidores (dado analisado em 16 de dezembro de 2023). E perguntamos para ele qual a importância da comunicação e do uso das redes. Em entrevista *online*, Rodrigo Tremembé narra que as redes sociais permitem ampliar vozes, demarcar espaços e ressignificar visões estereotipadas sobre povos indígenas. Para ele, a comunicação tem sido uma forma de resistência diante do etnocídio.

Ele percebe que, nos últimos quatro anos, a presença indígena se intensificou nas redes sociais devido, segundo ele, aos inúmeros retrocessos no cenário das políticas indígenas, sendo assim, as redes serviram, sob análise dele, para denunciar tais violências.

²³ Entrevista *online* com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

²⁴ *Idem*.

‘Comunicar é preciso’ essa é uma frase do comunicador indígena Luan de Castro Tremembé, aprendi com isso que nossa oralidade: o costume de passar informações boca a boca deveria ser ampliadas também para o cenário digital, e que ele também é espaço para Indígenas²⁵.

Para ele, comunicar vai além da ideia de fazer vídeos e conteúdo para as redes sociais, produções artísticas e culturais também são formas de comunicação, frisa. A fotografia, ele cita esse exemplo, tem a capacidade, segundo Rodrigo, de comunicar sobretudo através de imagens, “a produção do fotógrafo Indígena a partir do seu próprio olhar diz muito sobre protagonismo, sobre representatividade e quebra de estereótipos”, afirma.

Continuamos a entrevista perguntando agora sobre como ele observa a repercussão do que ele comunica, indagamos se ele acha que as suas palavras já conseguiram ir para longe. Rodrigo Tremembé responde que, em 2022, foi o único Indígena brasileiro a ser escolhido para expor suas artes na sede da UNESCO em Paris, na exposição “Turn It Around” idealizada pela Artist’ Literacies Institute, Arizona States University junto a Open society. Ele fala que expôs um croqui de moda que denunciava as práticas de desmatamento no Brasil, muito intensificadas nos últimos anos, e continua:

Minha arte fez parte das discussões da COP em Glasgow na Escócia, e posteriormente exposta na sede da UNESCO junto a obra de mais de 70 artistas de 44 países diferentes. Durante meses, líderes globais, ambientalistas, ativistas, entre outros, tiveram acesso a essa exposição que teve por tema principal a luta por Justiça climática.

Nesse sentido, durante essa exposição percebi que minha arte não se resumia apenas a voz do meu povo, mas a voz de todos os povos Originários do Brasil, já que a luta pela mãe Terra, a proteção dos territórios e demarcação é uma luta coletiva.

Poder levar minhas palavras e arte para longe gerou conexões e perspectivas de diálogos intergeracionais acerca da sustentabilidade e regeneração da terra. Após a grande repercussão nas mídias sociais acerca da exposição, notei que comunicar é realmente preciso. Muitas pessoas que desconheciam termos como ‘justiça climática, racismo ambiental, ODS’ etc, se interessaram mais pelos temas²⁶.

Seguindo o nosso encontro, indagamos o que é um jovem indígena que usa as redes e a moda para se manifestar. Para Rodrigo Tremembé, a cultura tem bases na ancestralidade, memória, costumes, crenças e tradições. Segundo ele, são esses os elementos básicos que reforçam a etnicidade, ele fala um pouco mais:

²⁵ Idem.

²⁶ Entrevista *online* com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

É importante perceber que as mudanças globais e o avanço da tecnologia fazem as culturas terem uma dimensão cíclica, onde não se perde a identidade, mas essas novas ferramentas vêm a somar com nossas causas e lutas. Quando utilizo a moda Indígena para manifestar a cultura do meu povo eu crio esse diálogo entre gerações e a importância de acompanhar as benesses dessa sociedade.

Mas sempre com os pés no chão, olhando para trás e valorizando a caminhada daqueles que me antecederam, pois somos reflexos dos passos dados por eles e a minha voz é a soma de muitas vozes. As redes sociais têm sido uma ferramenta política para mim. Quando eu ocupo as telas e mostro ao mundo que estamos, e somos presentes em todos os espaços, estou falando de representatividade²⁷.

A conversa vai se aprofundando ainda mais no tema da comunicação e possibilidades de avanço nas lutas por direitos. E indagamos o que ele acha sobre as redes sociais e o enfrentamento aos preconceitos. Para ele, as redes sociais são um terreno minado, ele relata que já passou por inúmeros episódios de preconceitos e racismos.

Certa vez, questionaram o tom de minha pele, afirmando que não existia indígenas de pele clara. Percebi que eu estava diante de uma tentativa de silenciamento e apagamento do meu povo, pois no contexto de aldeia somos seres coletivos, quando fere um, fere a todos.

Naquele momento percebi que havia dois caminhos: ou eu ficava calado e não questionava, ou eu usaria aquele episódio como base para buscar resiliência e inspirar outras pessoas que passam pela mesma situação e não sabem se defender. Obviamente optei por não me calar, por não ser domesticado desse sistema que tenta me ‘matar’²⁸.

Rodrigo segue a entrevista informando que o seu processo na moda indígena se iniciou após esse episódio de racismo citado no relato destacado acima. Foi aí, que segundo ele, “comecei a usar a moda e arte para falar de diversidade e as redes sociais foram o meu arco e flecha. Essa foi uma experiência pessoal, porém existem diversos exemplos de racismo envolvendo não só povos Indígenas”, aponta.

Nas redes, observamos a possibilidade de contarmos histórias pelas próprias perspectivas. Isso é essencial, segundo ele, em um país onde se escreveu mais de 500 anos de história pautada em vários equívocos, a exemplo da “descoberta” de um território que foi invadido.

Ao perceber que é extremamente problemático ficarmos na posição de interlocutor enquanto outros contam nossas histórias a partir de suas perspectivas recheadas de estereótipos e visões genéricas, percebemos que não poderíamos ficar nos bastidores, mas que devíamos e podíamos assumir o protagonismo de nossas existências. Nós fomos ‘obrigados’ de certo modo a está nesses espaços, pois se ferem nossa existência, seremos resistência²⁹.

²⁷ Idem.

²⁸ Entrevista *online* com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

²⁹ Idem.

A entrevista caminha agora para os desafios na construção de novos olhares sobre as juventudes indígenas. Para ele, a juventude Indígena tem sim acompanhado os avanços da sociedade, sobretudo nas redes sociais. Ele acredita que seu trabalho tem sido uma semente, é bom saber que ele inspira outros a ampliar também suas vozes, a voz de seus povos.

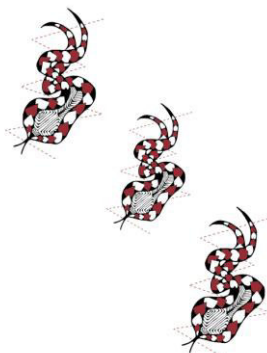
Ele vem notando que os movimentos juvenis têm utilizado bem as ferramentas para fortalecer suas lutas. Para ele, todo movimento antirracista passa por essa fase de debates e visões opostas. Rodrigo afirma que para ele, o importante é construir um diálogo democrático e colaborativo “onde seja respeitado o direito originário e o acesso dos mesmo nesses espaços midiáticos sem contrapor suas culturas. A tecnologia não apaga nossa existência, ela reforça, se utilizada da forma correta³⁰”. E finalizamos essa nossa primeira conversa falando sobre futuro, sobre sonhar a vida, sobre sonhar a terra. E ele conclui:

Sonho que os discursos bem falados sejam efetivos na vida real. Vivemos num mundo de idealizações imaginárias, onde projetamos e expressamos visões de mundo quase utópicas. Se cada frase de progresso, de acolhimento e resiliência se tornassem em ações concretas, o mundo seria um lugar bem mais leve para se viver.

A ancestralidade é a água que molha minhas raízes. Criei essa frase em meio a memória dos meus Ancestrais, ela me faz pensar sobre nossa relação com a natureza, e o quanto o futuro é Ancestral³¹.

3.3 As serpentes de Merremii Karão

Figura 04 - ilustração do livro Wúpy Taowá: vestindo-se de linguagens / Merremii Karão Jaguaribaras



Fonte: ilustração do livro Wúpy Taowá: vestindo-se de linguagens / Merremii Karão Jaguaribaras.

O encontro agora é com Merremii Karão, mulher indígena, agricultora, ambientalista, artista Visual, residente em Kalembre (Aldeia) Feijão, no município de Aratuba no Ceará,

³⁰ Entrevista *online* com Rodrigo Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

³¹ Idem.

graduanda em Serviço Social, e graduanda em Sociologia na Unilab-CE, membro do grupo Tamain. Em entrevista online, realizada no dia 28 de janeiro de 2023, pudemos conhecer mais dessa jovem indígena - ela que tem um olhar profundo pintado de negro, cabelos descidos pelos ombros, mãos pintadas de tinta de jenipapo e um tanto de fortaleza e magia em cada palavra e canto.

Começamos a nossa conversa celebrando o quadro dela que vimos exposto na Pinacoteca do Ceará em 2023, no centro da capital cearense, e de como estávamos felizes em ver sua arte andar mundo afora. Conhecemos a artista na Bienal do Livro do Ceará, em novembro de 2022, durante o lançamento da sua obra Wúpy Taowá. Sobre a tela, ela fala que a obra diz sobre o momento em que ela resolveu “não pensar no futuro. Decidi viver o momento que meu povo tem. Aprendi que é preciso plantar memória para escrever história”³². Cada encontro com Merremii é um mundo, um universo que se abre. E no seu livro (JAGUARIBARAS, 2022), ela serpenteia e faz beleza em cada frase:

Figura 05 - Reprodução do *Instagram* de Merremii Karão



Fonte: Reprodução do *Instagram*.

Sobre sua vida, ela nos conta que, dentre as muitas funções que desempenha, ela é também educadora espiritual e social junto com Papuã (pajé- liderança espiritual) e Kasike (Liderança social) nas primeiras passagens dos jovens e crianças dentro da comunidade. Em seu relato, ela nos narra que é parte do sangue derramado das caboclas serpentes: o clã das cobras pretas, da Nação Karão Jaguaribaras.

Para Merremii Karão, esse clã, também intitulado como “Caboclas Flexeiras”, era composto por mulheres que ficavam na linha de frente das guerras no período colonial e, com suas flechas, retardavam os opressores enquanto os demais clãs avançavam. E afirma: “não

³² Fala de Merremii Karão durante Bienal do Livro do Ceará, confira aqui: <https://www.secult.ce.gov.br/2022/11/15/bienal-do-livro-escritoras-indigenas-debateram-o-futuro-ancestral/>

posso limitar meu início de vida ao meu nascimento, pois estaria esquecendo os meus antepassados e toda a genealogia dos meus antecedentes”:

O máximo que posso me definir é que sou a continuação da história de meu povo, uma das sementes geminadas no calor das opressões. Na minha infância, eu brincava com serpentes, elas faziam parte do meu cotidiano e ainda fazem até hoje. Elas são contribuintes para a minha educação, ajudam-me a entender os comportamentos. Merremii, meu nome étnico, significa serpente de várias faces.

Esse nome me foi dado em um rito de passagem, quando comecei a entender como funcionava o círculo da vida e, só depois, com meu amadurecimento, fui entender a grandeza e o peso deste presente (JAGUARIBARAS, 2022, p. 8).

Na entrevista *online*, falamos muito sobre os grafismos e as suas pinturas, a relação da cultura com a comunicação, de como suas artes dialogam com as serpentes, com o barro do chão, com os saberes diversos. Merremii desenvolve pesquisas sobre as suas ancestralidades e cita, em reportagem³³ publicada no dia 20 de abril de 2023:

Luto pela garantia e o mantimento do direito à diversidade, minha atuação se apresenta de forma efetiva onde muitas vezes faço a ponte das línguas de meu povo para a língua do Estado e vice-versa. Na arte, preservo e promovo os saberes ancestrais em diversas linguagens. Sou parte do sangue derramado das caboclas serpentes: o clã das cobras pretas, da nação indígena Karão Jaguaribaras composta por mulheres guerreiras³⁴.

Nas redes sociais, Merremii produz conteúdos e interage no *Instagram* com o seu perfil “Cabocla serpente”. Em verificação realizada no dia 16 de dezembro de 2023, a conta possuía 829 publicações, com mais de 2.880 seguidores e 4.684 que estavam seguindo.

Figura 06 - Reprodução do *Instagram* de Merremii Karão



Fonte: reprodução do *Instagram*.

³³ www.secult.ce.gov.br/2023/04/20/pinacoteca-do-ceara-bolsistas-do-edital-de-pesquisa-e-criacao-apresentam-resultados-em-falas-publicas/

³⁴ Entrevista online com Merremii Karão realizada no dia 28 de janeiro de 2023, no Ceará.

E assim, se apresentando como serpente que fecunda e se espalha, Merremii segue a conversa conosco sobre vida, obra, sobre comunicação e linguagem. A conversa segue, após a descrição de como ela se enxerga no mundo, falamos um pouco sobre as pinturas e as poéticas. Pergunto para ela como ela se percebe: “Eu prefiro dizer que a minha idade é referente à continuidade de vida dos meus ancestrais e dando continuidade mais e mais, eu não vou acabar agora, vou continuar de outras formas, com outra comunicação e outros afazeres”³⁵.

Retomando o diálogo com Merremii, ela segue, na entrevista, falando da reflexão sobre arte e comunicação e destaca a cultura como uma forma de tentar se explicar no mundo, de dialogar com as suas identidades:

Essa palavra arte é uma forma de traduzir, com o português que uso aqui hoje, mas, quando na verdade, no nosso povo a gente chama de Taowás, as expressões e as formas de fazer manifestações artísticas. E dentro das Taowás a gente também a poesia, as pinturas, os grafismos, e as formas de colocar no cabelo, eu boto tranças - e acho que você já me viu com linhas no cabelo - ali faz parte das cosmologias, assim como as pulseirinhas no pulso, faço o mesmo no cabelo. O trançado é isso: nós, mulheres, somos as guardiãs da continuação da vida, e levamos sementes trançadas nas pulseiras, carregar sementes por onde a gente anda, fertilizar a vida.

Eu sempre fui do território, nunca saí, nasci em Aratuba. Me criei na aldeia, nunca foi perdida a minha identidade porque eu já nasci e cresci sabendo que eu sou. O meu avô, conhecido como Manuel Carneiro, tinha esse hábito de contar histórias e a etnicidade. É tanto que a palavra ‘aborígene’ era a que mais existia dentro do contexto dele, ele justificava dizendo que por isso a gente não tinha o cabelo tão liso, e falava muito da nossa tonalidade de pele.

Éramos de cores diferentes pelo tipo de vida, ora ficávamos na serra que ficava com a pele mais clara, ora no sertão - até isso foi colocado no contexto da nossa educação. Eu nunca cresci com o pensamento de sermos pessoas misturadas, eu já cresci sabendo de que tínhamos um tronco - que eu pertencia a um povo, e que eu pertencia a uma organização, que me diferenciava da cultura europeia, eurocentrada³⁶.

E com muito afeto, Merremii lembra do avô. Ela fala que traz na memória, a história das línguas - “eu ainda tenho elas em transição: as Taowás, por exemplo, ela também faz parte da escrita linguística que é fora do alfabeto”, diz. Seguindo o pensamento, ela nos conta que, quando era criança, seu avô fazia nas paredes escritas nesse formato das Taowás e ele falava muito sobre. Para ela, essas questões não foram mortas, apesar de, para ela, terem sido silenciadas para o público geral, mas dentro do contexto de vida dela, “estão aqui, como a gente vive no interior, longe das cidades. Esse contexto ajudou muito para que a gente não adormecesse quem somos, a cultura que a gente pratica só não se perdeu pelo hábito que ele tinha de colocar isso nas paredes”, conta.

³⁵ Entrevista *online* com Merremii Karão realizada no dia 28 de janeiro de 2023, no Ceará.

³⁶ *Idem*.

Sobre seu avô, ela relata ainda que ele também fazia muitos processos de tintas naturais, que ela aprendeu um pouco, ele pintava a casa com as tintas que ele mesmo fazia, uns quadrinhos que ele pintava na parede.

Eu fico só reavivando o que vem na minha memória para que não acabe só em mim. Estou nessa missão de ampliar o que sei, para além, e a questão de trabalhar com o natural. Mas já tem muitas plantas que ele usava e que hoje eu não encontro mais por conta da extinção, do desmatamento, da cidade ter invadido nossas matas.

Quando a gente sobe a serra vai buscar o material para o trabalho, e quando a gente desce a gente vai fazer extrações, usar o solo e fazer as feiturinhas. Mas tem planta que eu não consigo mais achar por esse contexto de cidade³⁷.

A conversa continua em um diálogo sobre comunicação e redes sociais, ela fala: “eu só fui perceber a importância de me comunicar - para além do meu território - quando eu saio e vou pra cidade”, afirma. E Merremii complementa informando que passou muito tempo em Fortaleza, e começou a perceber que, no meio do povo da cidade, ela era diferente.

Até eu sair pra cidade, eu não me sentia como uma pessoa diferente, onde eu vivia todo mundo era como eu: fazia agricultura, não estranhava a pintura, a sua forma de colocar o cabelo. Me senti diferente quando percebi que as pessoas me olhavam diferente, quando eu estava toda pintada e dava sinal para o transporte parar e ele não parava. Percebi que eu tinha que dialogar mais sobre a cultura que eu trazia do meu território.

Comecei a refletir sem discriminar que estava me discriminando. E me perguntavam: ‘como você tem coragem de andar assim? E esse cabelo? Parece cabelo de bruxa, de feiticeira’. Eram esses comentários, perguntavam se eu fazia macumba, mandinga. E isso começou a mexer comigo. Não, gente, isso aqui é a forma como eu me apresento no meu território³⁸.

Sobre como se apresenta e como se comunica, ela reitera: “Eu vi que a comunicação precisava ser feita: apesar de eu estar me comunicando no que eu estava vestindo, no meu jeito, era uma comunicação silenciosa, onde as pessoas viam, interpretavam”, aponta Karão.

Falando sobre linguagem, ela conta que percebeu “que a gente teria que pautar muito sobre as linguagens, mas não estavam sendo interpretadas pois estavam na língua do meu povo e ninguém entendia. Como eu vou educar as pessoas? A comunicação é educação”, diz.

Durante nossa conversa, ela cita ainda que viu que existiam espaços - as universidades e centros culturais - que podiam ajudar. E sendo assim, quando ela retorna para a aldeia, ela começa a divulgar nas redes sociais os quadros que ela fazia, viu que existiam museus e sabia como entrar nesses espaços. E diz que hoje ela trabalha com essa visão de educar as pessoas

³⁷ Entrevista *online* com Merremii Karão realizada no dia 28 de janeiro de 2023, no Ceará.

³⁸ *Idem*.

para que ajudem a se comunicar - a traduzir as linguagens para outras pessoas, e aprender. Para ela, a comunicação é importante quando há uma interpretação.

Mas, para Merremii, a comunicação nas redes sociais também é prejudicial. Segundo ela, falta que as pessoas aprendam a interpretar o que dizem - para além das redes - e olhem para o que os indígenas têm nos corpos, não apenas nas fotos que postam no *Instagram*.

A arte mais como linguagem, não é uma coisa só, é múltipla, diversa. Essa pulseira aqui do meu braço, por exemplo, como ela é vista quando está no meu braço e quando está no braço de um não indígena. A pessoa lá pensa que a pulseirinha é interpretada assim: ‘ichi, só porque a pulseira tá no braço da indígena, ela usa essa pulseira para fazer ritual no território’. E nem sempre é isso. E começa a distorcer as comunicações, e acaba estereotipado.

E eu fiquei muito ligada de como as nossas artes são interpretadas - como uma pulseira dessa é vista quando está na mão de uma indígena e de uma não indígena. Foi aí que eu percebi, temos que buscar mais espaços e nos comunicar mais. Esse espaço a gente até já tinha, mas com a colonização ele nos foi retirado. O hábito de dialogar sobre o que a gente faz é comum nas rodas de conversa, é por isso que nós não nos estranhamos entre si - o que não acontece na cidade grande porque lá não há esse costume das rodas de conversa.

As pessoas todas trancadas em sua casa, a comunicação se torna falha dentro de determinados territórios urbanos por não ter uma interação social. Há essa falha e que a linguagem precisa ser diversificada novamente - e se ela já foi - e foi individualizada, ela precisa se tornar múltipla novamente³⁹.

E ao falar sobre interações sociais, fazemos as reflexões sobre os diálogos de Cardoso Filho (2010), sobre as relações entre linguagem e construção de vínculos, e ressaltamos a conceitual de mediatização trazida pelo autor: “A mediatização em curso pode ser entendida (e investigada) como o desenvolvimento de uma processualidade interacional ampla, em vias de suplantar a cultura escrita enquanto principal referência para as interações sociais” (CARDOSO FILHO, 2012, p.173).

E sigo aqui a conversa com Merremii Karão conversando sobre o que é ser protagonista, que isso, para ela, não significa ser o centro da atenção. Para Merremii, a forma de organização do povo já diz “muito sobre nós - como um protagonismo não inviabiliza o outro. Quando os dois se juntam, o espiritual e o social, fazem o que eu sou hoje, me transformar nessa pessoa que eu sou, a comunicadora, esses dois seres juntinhos”, afirma.

Relatando sobre a relação cultura e educação, ela afirma que: se, em determinado momento, esses dois mundos (o espiritual e o social), se separarem vai se por conta da função “de educar que pede aquele determinado momento: hoje eu me considero que estou na função

³⁹ Entrevista *online* com Merremii Karão realizada no dia 28 de janeiro de 2023, no Ceará.

aprendiz de uma dessas duas funções - eu observo um lado, e outro e vejo para qual lado eu vou me encaixar”, diz ela.

Hoje como protagonista da linguagem, ela nos conta que faz parte da função social dela difundir essa arte e cultura para fora. “Aqui nós temos essa função interna e externa, uma hora eu cumpro o papel externo e depois troco. Nossa função, por mais dividida que seja, sempre tem troca. As crianças são internas, saem para o externo, e voltam pro interno”.

Sobre as redes sociais, ela conta que acha interessante essa interação com o público e observa, por exemplo, como as pessoas também respeitam quando ela posta algo sem legenda, por exemplo. “A mensagem é repassada da mesma forma. Eu vejo hoje uma mudança, não me veem mais como a bruxa e a feiticeira: mas me veem como Merremii Karão Jaguaribaras, que tem uma cultura e vive de forma diversa”, aponta.

E reforça dizendo que percebe que isso foi uma ação de comunicação, que isso fez mudar: “e com interação social, a gente consegue fazer um rebuliço, modificou, me veem como uma praticante de cultura e arte que tenta manter viva o que tentam apagar”, explica.

Seguimos conversando sobre as redes sociais e de como elas poderiam ser estratégicas para se avançar na luta por direitos e pelo fim dos preconceitos. Merremii informa da luta pelo território e da dificuldade de garantia e demarcação da terra. E fala que o mais triste é hoje ter que lutar pela demarcação, quando era pra ser o inverso, e fala que o ideal é que não precisassem estar brigando pelo território - “a gente já o conhece de ponta a ponta, conhecemos o nosso cemitério, e não está sendo respeitado. E usamos do direito e das palavras colonizadoras para defender o que já é nosso”, diz.

Já tomaram muitas coisas nossas, até a qualidade de vida foi reduzida bastante. A gente acaba limitada a um conjunto de leis que estão tudo só no papel. E nós, povos indígenas, lutando para viver num espaço de terra, lutando para ter, pelo menos, qualidade de vida para todo mundo, não apenas para nós⁴⁰.

Sobre a sua produção artística, Karão reitera que “a arte na verdade, a que eu faço, ela não tem cerca, ela tem a sua vida e vontade própria, ela decide pra onde quer ir - eu não sou a controladora dessa arte, apesar de eu ser responsável pela difusão da linguagem”.

Eu não tenho autonomia sobre ela para definir para onde ela vai ou com quem ela vai. Inclusive eu tenho artes aqui que eu nunca mostrei a ninguém. São traços que só o próprio território pode ver, ainda não tenho autorização da própria arte para ser vista. A importância do respeito. A arte funciona dessa forma.

⁴⁰ Entrevista *online* com Merremii Karão realizada no dia 28 de janeiro de 2023, no Ceará.

O grande problema é a prisão, a arte não prende, ela libera o que está preso em você. As cercas limitam, não só o território, mas o trânsito de animais. Essas cercas, ora se tornam defesa, ora se tornam prisão⁴¹.

E finalizando o nosso bonito encontro, Merremii fala de sonhos, de futuro, de esperança. “A gente percebe a juventude mais afastada da natureza, um desligamento com o natural. Fica difícil pra mim, sonhar. Se eu sonhava com um futuro com um rio cheio, o que vejo agora é só rio morto, nascentes tudo secando”, diz.

A comunicação pode nos aproximar da natureza, da interação. Antes da comunicação, tem a interação. Aqui a gente trabalha muito com as serpentes, e isso tem tudo a ver com comunicação. As serpentes têm uma contribuição muito grande para a comunicação, através das serpentes a gente consegue entender um contexto de vida - ela é uma linha reta que se você juntar, ela não vai ter fim e se juntar uma com a outra pode também fazer um círculo.

Ela faz um mundo. Essa comunicação, você entender uma linguagem que você não fala, mas que você vê e traduz, exige uma dedicação e um tempo muito grande de convivência. A gente tem medo sim, faz parte da vida, e isso nos ajuda a viver, e isso é uma comunicação. Se não for o medo, a gente não toma cuidado, tudo é comunicação, a nossa vida começa com comunicação.

A Comunicação começa até sem dicção. Se eu dizer que você pode falar com uma planta, o falar não é só falar, é tocar, é compreender, é cuidar. A comunicação caminha mediante aquele momento que você está vivenciando

3.4 Luan Tremembé: “quero ser o primeiro Jornalista Indígena graduado do Ceará”

Antes da gravação da entrevista remota com Luan Tremembé, realizada em 30 de janeiro de 2023, já havíamos nos encontrado presencialmente diversas vezes em eventos do movimento indígena do Ceará. Ele sempre com o celular na mão gravando vídeos e fazendo coberturas online. Em todas as conversas, fazemos sempre a mesma pergunta, se ele terminou o curso de Jornalismo: “estou no final, está difícil terminar porque, com os trabalhos e as viagens, eu tenho pouco tempo para estudar. Mas quero sim ser o primeiro jornalista indígena graduado do Ceará⁴²”, ele responde com um sorriso largo no rosto.

⁴¹ Entrevista *online* com Merremii Karão realizada no dia 28 de janeiro de 2023, no Ceará.

⁴² Entrevista *online* com Luan Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

Figura 07 - Reprodução do *Instagram* de Luan Tremembé



Fonte: reprodução do *Instagram*.

Na rede social *Instagram*, Luan é figura ativa: com 178 publicações, tem mais de 2.635 seguidores e conta, na sua biografia, que é “comunicador indígena” e destaca ainda que ganhou o “1º lugar no prêmio de Jornalismo do Ministério Público do Ceará (2020)” e também teve bons resultados no “Prêmio Ciranda das Juventudes 2021”.

Durante a entrevista *online*, conversamos sobre diversos temas. E ele inicia contando que “falar de comunicação é falar da minha vida”, afirma. E segue se apresentando: seu nome é Luan de Castro Tremembé, ou simplesmente Luan, como ele frisa. Conta que é um jovem indígena do povo Tremembé, é filho de uma educadora, uma mulher indígena que o criou sozinha, fruto de uma educação escolar indígena, estudante de jornalismo, e comunicador social indígena. Ele narra ainda sobre a importância da formação e da escola em sua vida, de que ele é, com muito orgulho, educador popular, que consegue repassar um pouco do que aprendeu, na sua trajetória, para outras pessoas, e isso o deixa muito feliz. Ele é também artista da dança, enfim, ele diz: “eu sou muitos. Faço de tudo, às vezes não por escolha, mas porque é necessário fazer”:

Eu me percebo no mundo hoje como sendo muito necessário. Há algum tempo passei por um processo difícil de depressão, tudo isso porque eu não me entendia como me entendo hoje. E esse processo foi muito importante para que eu me reconhecesse e me entendesse e o quanto eu sou importante, o quanto o meu trabalho é importante, o quanto eu sou necessário, não só para minha vida e para a vida da minha família, mas também para a luta dos povos indígenas.

Não apenas a luta do meu povo, da minha aldeia, mas para a luta dos povos no geral, trazer a luta dos indígenas é trazer também a minha história, a de quem vive, a partir do meu olhar. Por isso é que eu me vejo no mundo como alguém importante, como um porta-voz da nossa realidade⁴³.

A conversa segue com o nosso questionamento para ele, sobre o que é ser um comunicador. Ele afirma que nunca gostou muito desse nome jornalista, diz que sempre achou ser algo muito distante para ele. Para Luan Tremembé, o jornalismo sempre foi um pouco disso: “o branco fazendo, o branco falando da gente. O tanto de vezes que a mídia contou uma história que não era nossa, e que botou palavras na nossa boca. Eu não gostava disso, não me via nunca nisso”, afirma.

Luan diz ainda que, em 2017, quando participou de uma formação em arte, comunicação e inclusão digital, ele recebeu formação na área de fotografia e foi aí, segundo ele, que se descobriu, que viu a possibilidade de entrar na área:

Foi nessa oficina de fotografia que eu vi que podia fazer a minha própria comunicação, ali eu já estava muito satisfeito com o que eu via, e eu não me sentia representado pelas informações que a mídia trazia da gente. Eu nasci muito dessa necessidade, dessa indignação e desse desejo de levar, de fato, a história como ela é, e não trazer esse aspecto de que os povos indígenas são vitimizados.

Eu queria trazer o olhar do que a gente tem de bonito, o olhar dos nossos territórios, o olhar para a cultura, para a dança, para o artesanato. Hoje eu me entendo como comunicador social indígena porque a comunicação está para além dessa tela que estamos conversando, para além de internet e rede sociais, comunicação é saber se expressar é saber contar sua história, é chegar em qualquer lugar e dizer – esse é meu povo, essa é minha história.

Me considero comunicador por isso: eu faço de tudo, eu me comunico, e eu sou um porta-voz do meu povo⁴⁴.

Contando sobre sua trajetória na comunicação, ele fala que começou nas redes sociais, no ano de 2018, com a criação da página no *Instagram* “Tremembé da Barra” e depois com a própria conta pessoal. Ele cita ainda, que na época, a sua aldeia e o seu povo ainda não

⁴³ Entrevista *online* com Luan Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

⁴⁴ *Idem*.

entendiam bem a importância dessa ação, depois Luan conta que foi ganhando a confiança e as pessoas “foram vendo o quanto se comunicar é importante.

E isso se deu muito porque no nosso *Instagram* a gente faz muitas denúncias e certa vez a gente denunciou que atearam fogos nas nossas barracas e o meu território viu como a comunicação era importante”, relata.

Para Luan, o contexto da pandemia da Covid-19 trouxe à tona a importância das redes - “estávamos todos sem poder sair de casa, com muitas desinformações rolando e a gente não podia nem ir à polícia denunciar e a internet era a única coisa que tínhamos”, conta.

Com as postagens nas redes sociais, Luan reforça que a denúncia da violência sofrida ganhou audiência, falou que a matéria saiu no noticiário da televisão e, segundo ele, na mesma noite do crime, a polícia ligou para ele. “É isso, sempre estar usando a comunicação a favor da nossa luta”, conta.

A entrevista continua caminhando agora por um novo percurso, perguntamos para ele se a comunicação ajudaria ou não a fortalecer as identidades e as existências. Em seu relato, Luan nos fala que a comunicação tem permitido viver coisas que nunca imaginaria viver: “quem diria que um dia um jovem indígena do interior, que viveu sua vida toda na aldeia, fosse ganhar um prêmio de jornalismo, ganhamos um prêmio do Ministério Público Federal. E acho que são nessas conquistas, nesses espaços, que a gente fortalece a nossa aldeia”.

O qual longe eu já cheguei, mas sem nunca esquecer de onde eu vim, que aqui vai ser sempre minha casa. A aldeia será sempre meu lugar de chegada e de partida.

É isso, a comunicação nos levou longe, ir longe é estar em outros territórios, é ver que nossas terras estão há poucos passos de serem demarcadas, como é o caso do meu território e isso para mim é ir longe, já fui muito longe e vou ainda mais, vou longe me levando e levando também a história dos meus ancestrais, dos que vieram antes de mim, das minhas lideranças, dos que vieram antes de mim⁴⁵.

⁴⁵ Entrevista online com Luan Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

Figura 08 - Reprodução do *Instagram* de Luan Tremembé



Fonte: reprodução do *Instagram*.

Voltando à conversa com Luan Tremembé, ele segue afirmando os seus locais de pertencimento e as suas comunidades: para ele, a partir das suas falas, a sua identidade é múltipla e diversa, ora ele é o ser jornalista e fazedor de comunicação social, ora é o jovem que sonha em ser protagonista da sua vida.

Em postagem na rede social *Instagram*, divulgado no dia 22 de abril de 2023, na sua página pessoal, ele fala que está trabalhando na comunicação do evento de maior mobilização indígena do mundo, o Acampamento Terra Livre. Na legenda da postagem, ele escreve assim:

Com o tema ‘O futuro indígena é hoje: Sem demarcação não há democracia!’, o ATL o acampamento chega a sua 19ª edição entre os dias 24 e 28 de abril e prevê reunir 6 mil indígenas de todos os biomas na Praça da Cidadania - Brasília.

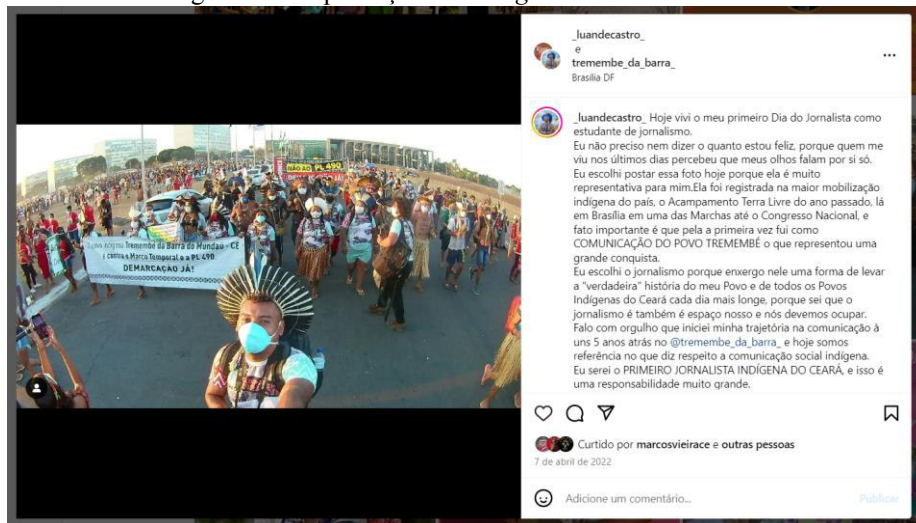
Com muita responsabilidade assumimos a importante missão de coordenar a imprensa desse evento. Trouxe comigo para a Capital Federal os ensinamentos do meu Povo e a experiência de construção coletiva da comunicação indígena⁴⁶

Luan nos conta que desde pequeno ele diz que desde que se “entende por gente, sempre fui muito protagonista da minha vida, não por escolha, mas muito pela necessidade”, afirma. Ele narra ainda que estudou a vida na Escola Indígena da sua aldeia e que foi, nessa escola e na sua casa, que aprendeu a ser o que é hoje. Luan fala ainda que aprendeu que a escola está para

⁴⁶ Postagem na rede social *instagram* do Luan Tremembé no dia 2 de abril de 2023.

além do seu espaço físico, ela é a aldeia toda, os troncos velhos é que são os professores, e diz que foi a escola que o preparou para a vida.

Figura 09 - Reprodução do *Instagram* de Luan Tremembé



Fonte: reprodução do *Instagram*.

Na postagem acima, no seu *Instagram*, no dia 7 de abril de 2022, Luan fala que viveu o primeiro Dia do Jornalista como estudante de jornalismo. E cita o quanto está feliz, porque “quem me viu nos últimos dias percebeu que meus olhos falam por si só. Eu escolhi postar essa foto hoje porque ela é muito representativa. Ela foi registrada na maior mobilização indígena do país, o Acampamento Terra Livre do ano passado, lá em Brasília”. Na imagem, ele acompanha uma das marchas que seguem até o Congresso Nacional, e ressalta que foi a sua primeira vez como “comunicador do Povo Tremembé”.

E continua, na legenda, comentando que escolheu o jornalismo por ter, nessa profissão, a possibilidade de levar a “verdadeira” história do seu Povo e de todos os Povos Indígenas do Ceará cada dia mais longe, porque sei que o jornalismo é também espaço nosso e nós devemos ocupar”, diz.

Luan fala com orgulho que iniciou sua trajetória na comunicação no ano de 2017 com o *Instagram* “Tremembé da Barra” e hoje ele se coloca como sendo uma referência no que diz respeito à comunicação social indígena. “Eu serei o primeiro jornalista indígena do Ceará, e isso é uma responsabilidade muito grande. Hoje, reafirmo mais uma vez minha responsabilidade e desejo de potencializar as lutas do movimento indígena e movimentos sociais”, conta.

E eu acreditei a vida inteira que eu estaria preparado para isso. Daí eu chego na Universidade e sou muito bem recebido. Mas, chega depois, um certo momento, em que eu sofro preconceito, usam o fato de eu ser indígena para me diminuir, foi aí que eu descobri que eu não estava preparado para enfrentar preconceito, quem não nos aceita da forma que a gente é, e isso foi um processo bem doloroso.

Temos que lidar com isso diariamente, no carnaval as pessoas usando o nosso cocar como fantasia, algo pra gente que é tão sagrado, usar a pintura para se fantasiar nas ruas, a gente sofre com isso todo dia, e eu encontrei, na comunicação, uma forma de desconstruir essa imagem que as pessoas têm do indígena, e não do índio.

E usar as mídias e as redes sociais tem nos fortalecido muito, de dizer que o meu território, Itapipoca é terra indígena, nem todo mundo aqui sabe disso, que aqui tem uma aldeia. E temos usado muito a comunicação para informar as pessoas, até aquelas que não querem saber. É importante ter informação para que possamos desconstruir a imagem que as pessoas têm da gente, e construir as novas narrativas⁴⁷.

A entrevista continua agora sobre a vida e o futuro, e sobre como ele se vê daqui há uns anos e onde a comunicação pode levar. Luan fala de anseios, diz que é a pessoa dos sonhos, apesar, segundo ele, da realidade dura dos dias, ele sonha muito.

Eu me vejo, daqui há uns 10 anos, na TV, apresentando um jornal – quando eu decidi fazer jornalismo eu não tinha ninguém em que eu me inspirasse, nem outro indígena na tv, para eu dizer, eu quero ser igual ele, quero chegar lá para inspirar outros. Eu me vejo muito lá e eu sei que é um sonho possível, não está longe, e da grande responsabilidade porque eu sou hoje o primeiro indígena a estudar jornalismo no Ceará. Eu fico até me perguntando: eu sou o primeiro porque outros quiseram, tenho certeza de que muitos quiseram e não conseguiram e muitos ainda querem. É difícil ser o primeiro, chegar é difícil, e se manter é o mais complicado. Eu vejo muito os povos indígenas ocupando os espaços, levando a nossa voz e identidade para o mundo todo⁴⁸.

E a conversa se encaminha para o fim com diálogos sobre liberdade e correr atrás do que se quer: as dunas e as matas das aldeias não são para aprisionar, ele diz que sempre se pode ir além, podendo ocupar outros espaços, para sonhar e não esperar o dia perfeito.

Temos que usar o que tem, começar com o que tem – eu digo, apenas comece e dê o melhor de si, não é sobre ter uma máquina boa, é você ser o seu melhor. Hoje eu me enxergo jornalista e admiro demais isso. Agradeço muito todo apoio que recebo, dar espaço para os comunicadores indígenas é muito importante. Até vejo os indígenas participando de ações de comunicação e cultura, mas não sendo protagonistas, apenas usando a imagem⁴⁹.

⁴⁷ Entrevista *online* com Luan Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Entrevista *online* com Luan Tremembé realizada no dia 30 de janeiro de 2023, no Ceará.

3.5 Janaína Jenipapo: “manusear as redes sociais é ter nas mãos a própria identidade”

Artista visual, poeta, artesã e comunicadora indígena. É assim que, na biografia do seu *Instagram*, Janaína Jenipapo se apresenta. Com roupas azuis, maquiagem no rosto e cocar na cabeça, ela traz uma foto com a legenda “Yemanjá” e recebe, de amigos e seguidores, vários elogios como sendo: “deusa”, “linda”, “Odojá”.

Na postagem, do dia 16 de setembro de 2023, parece mostrar a que veio: um enlace entre cultura e comunicação, em uma presença digital que, segundo ela, é um refúgio de tantas vozes que não puderam falar. “A cultura tem o poder de curar e transformar o mundo. Sorrir com os olhos me traz um sentido de alívio, de chegar até aqui e mostrar quem realmente sou, sem perder o meu equilíbrio e a essência⁵⁰”, diz.

Figura 10 - Reprodução do *Instagram* de Janaína Jenipapo



Fonte: reprodução do *Instagram*.

A entrevista remota, realizada no dia 29 de janeiro de 2023, aconteceu de forma fluida, para ela parece ser fácil falar de comunicação e cultura. Respondendo a nossa primeira pergunta, ela se apresentou dizendo que se chama Valdene Mateus, mas é conhecida mesmo como Janaína Jenipapo. Ela se apresenta como sendo uma mulher jovem indígena, mãe artesã, estudante, comunicadora, articuladora, palestrante, idealizadora de projetos e professora. Ela se revela como sendo a arte que se reinventa e que soma na resistência de todos os povos, é movimento, cultura e educação.

⁵⁰ Idem.

Talvez eu já tenha passado por muitos lugares. Lugares estes que me atravessaram e me silenciaram, não como violência, mas como forma de estudo para que hoje eu estivesse nesta evolução constante. A arte talvez tenha sido um refúgio de tantas vozes que não puderam falar. A mesma tem o poder de curar e transformar o mundo. Sorrir com os olhos me traz um sentido de alívio, de chegar até aqui e mostrar quem realmente sou, sem perder o meu equilíbrio e a minha essência⁵¹.

Figura 11 - Reprodução do *Instagram* de Janáina Jenipapo



Fonte: reprodução do *Instagram*.

No *Instagram* Janáina Jenipapo é bem ativa, sempre com postagens e *stories*, sua conta tem 246 publicações (com dados verificados no dia 16 de dezembro de 2023) e 2483 seguidores. Em postagem no dia 7 de agosto de 2022, ela divulgou uma foto em que ela aparece com uma máquina fotográfica na mão e a legenda com seguinte frase: “Educar na mídia também é um processo de resistência, de comunicação indígena”, afirma. Para Janáina, usar as redes sociais, a fez pensar que aquele espaço poderia ser uma janela para soltar a sua voz e difundir os seus trabalhos artísticos.

O *Instagram* hoje se torna um palco para as minhas atividades culturais. Lá eu posso me transcrever em vários sentidos, porque lá também é um espaço ancestral onde o seguidor irá apreciar toda a força dos meus mais velhos que já se foram. Uma vez que quebrar o tabu dos estereótipos se faz necessário. Acredito muito no meu trabalho enquanto olhar de empoderamento⁵².

Dialogando sobre a ocupação das redes pelos jovens indígenas, Janaina fala que, para ela e para os demais que estão na aldeia, o uso da internet é um ato de coragem. “Primeiro por

⁵¹ Entrevista *online* com Janáina Jenipapo realizada no dia 29 de janeiro de 2023, no Ceará.

⁵² Entrevista *online* com Janáina Jenipapo realizada no dia 29 de janeiro de 2023, no Ceará.

expor nossas experiências e identidades e segundo por saber dominar todo o preconceito que ainda existem contra nós”, afirma. Ela complementa dizendo que acredita ainda que o seu trabalho se expande cada vez mais na necessidade de falar sobre a importância das artes indígenas. “Neste caso não só palavras vão ao longe, mas também os desenhos e imagens que seguem ecoando e curando muitas pessoas”, aponta.

Sobre o tempo que gasta manuseando as tecnologias, ela comenta que a utilização das redes sociais não é um meio de passatempo, mas é um modo de firmar o tempo perdido contra os povos indígenas. “Talvez para muitos seja apenas uma bobagem, mas as redes sociais têm o poder de expandir vozes que por muito tempo foi silenciada.”, complementa em conversa remota gravada no dia 29 de janeiro de 2023. Janaina segue informando que, para ela, o mundo digital é uma ferramenta também de suas defesas, além de ser usada como estratégia para garantir os direitos.

Janaina Jenipapo finaliza a entrevista falando sobre os aprendizados para além da educação escolar, e diz que, para ela, foi importante aprender a ter um comportamento online, o uso excessivo na internet e a necessidade de debater sobre discurso de ódio online, explica:

Tudo isso me fez entender melhor sobre minhas ideias de como trabalhar futuramente na internet. Acredito que é de extrema importância dialogar sobre os nossos direitos e deveres no meio da tecnologia. O indígena tem que estar em todos os espaços e o mundo virtual é a principal chave de entrada.

Saber manusear as redes sociais é ter nas mãos a própria identidade. Costumo falar que a nossa história não começa aqui e não termina agora. Então ecoar para não só demarcar território, mas sim corpos e mentes. Valorizar nossas vozes e raízes ancestrais no mundo digital e comunicar nas redes sociais é preciso. Educar na mídia também é processo de resistência⁵³.

3.6 Renan Tabajara: “as redes acabam deixando a gente muito sozinho”

Um jovem bom de conversar: tanto que a entrevista com o Renan Tabajara foi a mais longa entre as demais, foram mais de duas horas de gravação e um mundo de temas tratados, falamos de redes sociais, organização política, cultura, saúde mental e tantos outros pontos. Um assunto, em especial, ganhou destaque e trazemos aqui reflexões sobre as contradições das redes, quando ele me disse: “as redes acabam deixando a gente muito sozinho”, afirma em entrevista remota, realizada no dia 27 de janeiro de 2023.

⁵³ Entrevista *online* com Janaina Jenipapo realizada no dia 29 de janeiro de 2023, no Ceará.

Em conversa, Tabajara nos fala da dificuldade que tem hoje que é o de ver a individualidade crescer, mesmo com esse aumento da sensação de coletivo que a presença virtual nas redes sociais aparenta dar. Para ele, você pode até ter o dom, a habilidade tecnológica de usar o *Instagram*, por exemplo. “Mas quando você está sozinho dificulta mais. Quando você tem um grupo, com duas e três pessoas, são pensamentos diferentes, mas se conectam, a dificuldade é a produção feita sozinho”, explica ele, mostrando um caso de como as pessoas, na observação dele, preferem se engajar apenas no mundo virtual, ao invés do encontro presencial e do trabalho feito na aldeia - uma percepção da dimensão organizacional da comunicação -, ele cita esse momento e dá mais detalhes:

E as redes acabam deixando a gente muito sozinho, tem um monte de tarefas de comunicação para fazer, mas as pessoas ficam cada uma no seu Instagram e não fazem nada. Ficar cada um na sua casa conectada é muito ruim, a gente fica individualizado. As redes sociais acabam atrapalhando a unificação e a coletividade, para fazer um texto, por exemplo, é melhor todo mundo junto numa roda, do que cada um na frente do seu computador, não sai nada. Em coletivo, a gente erra junto, mas acerta junto também. Eu fico feliz com o trabalho que faço de comunicador⁵⁴.

E o assunto segue tratando da questão do cuidado coletivo: ele comenta que gosta de trabalhar a questão da empatia nas redes sociais e cita que tem hoje muita gente falando de cuidado com o outro nas redes. “Se eu pudesse usar as redes para falar uma coisa muito boa para todo mundo, eu pediria mais empatia nas redes sociais, o nosso mundo está precisando muito que a gente se coloque no lugar um dos outros”, explica durante a nossa entrevista.

Contando um pouco sobre a sua vida, Renan fala que, como trabalha com o movimento indígena, ele organiza seu tempo dialogando com muitas pessoas: ele é professor na escola indígena da sua aldeia, começou ainda aos 16 anos colaborando na escola e depois, quando fez 18 anos, começou a estudar e teve, conforme ele me narrou “a oportunidade de ser contratado pelo Governo do Estado, nessa batalha de estudo aconteceu algo frustrante”:

Eu ingressei na faculdade aqui na minha cidade, quando foi no meu último ano, infelizmente a faculdade deu falência e fechou, e não terminei ciências biológicas, infelizmente. Estou agora cursando matemática, nos anos finais. Trago isso para você porque, para quem gosta de estudar, temos que fazer esse esforço⁵⁵.

⁵⁴ Entrevista realizada com Renan Tabajara no dia 27 de janeiro de 2023.

⁵⁵ Entrevista realizada com Renan Tabajara no dia 27 de janeiro de 2023.

Figura 12 - Reprodução do *Instagram* de Renan Tabajara



Fonte: reprodução do *Instagram*.

Sobre o movimento político indígena, ele informa que está há alguns anos na Escola Indígena Tabajara atuando na área de matemática, e segue também trabalhando e se aliando com o movimento. Nas redes sociais, no *Instagram*, Renan Tabajara conta com 747 publicações, mais de 3.290 seguidores (dados coletados no dia 17 de dezembro de 2023), com postagens sobre temas diversos: fala de política, reposta informes de entidades, fotos cotidianas da sua aldeia com imagens de partidas de futebol e as suas em ações de representação do movimento.

Durante a conversa, Renan Tabajara falou muito sobre a relação entre cultura, educação e comunicação e como, para ele, estamos sempre em um processo de aprendizado. “Temos que primeiramente entender um pouco sobre as ferramentas, sobre os meios. É preciso usar muito da criatividade, trabalhar sempre com imagens e vídeos que tenham e mantenham uma boa qualidade, isso é sem sombra de dúvida muito importante”, aponta.

Seguindo o raciocínio, Renan segue falando que a coisa mais importante para ele, como comunicador, é apresentar o seu povo e os demais do Brasil para muitas instâncias da sociedade - algo, que segundo ele, está em processo de crescimento, a tecnologia está evoluindo, e “se a gente não acompanhar vai ficar pra trás, precisamos nos capacitar”, diz. Percebemos, a partir dessa fala, que, de alguma forma, jovens comunicadores também acabam por trazer a leitura da tecnologia como algo irreversível e inescapável.

A comunicação indígena ainda está fraca em nosso município, ainda é muito pouco, tem que ter mais gente fazendo, sei que muita gente trabalha, não tem tempo para se envolver com o tema. Mas fazer comunicação é algo tão maravilhoso que a juventude gosta muito, tem só que se organizar para ter um trabalho coletivo, planejado e com olhar para frente. Nossos jovens têm que saber se mobilizar mais, e chamar para uma retomada, para uma festa. Tudo isso é se comunicar⁵⁶.

Ele conta que já tinha - antes da criação da página do *Instagram* da Juventude Indígena Conectada (JIC) - as suas próprias redes sociais, mas com a chegada da JIC, segundo Renan Tabajara, percebeu que não usava as suas redes sociais como ele deveria usar.

Como comunicador indígena, eu tenho que mostrar nas redes o que passa nas aldeias, no meu povo, de estar compartilhando todos os acontecimentos possíveis, sejam eles bons, ou ruins, mas que sejam de forma que a população que esteja do outro lado interpretem da maneira correta.

Uma das coisas mais importantes que eu observei quando comecei esse trabalho de comunicação foi a questão do preconceito de conterrâneos aqui dizendo que nós não somos índios, que em Monsenhor Tabosa não tem indígena. Mas hoje a gente conseguiu silenciar mais isso, não sei se eles ainda continuam, mas se sim estão fazendo isso de uma forma mais silenciosa⁵⁷.

Renan Tabajara fala ainda, durante entrevista, que, nas redes sociais, as pessoas, e ele se inclui, acabam ficando mais à vontade para escrever do que muitas vezes falar, assim, verbalmente, ele explica. O jovem comenta ainda que acredita que tenha evoluído - em suas análises e atuações políticas - fazendo esse trabalho junto com a JIC. Para ele, o momento é de reconstrução do país e é importante, conforme ele ressalta, que esse processo seja divulgado, com materiais que os indígenas acham interessante e importante, “teve a posse dos nossos deputados, daí eu gosto de ficar re-postando, notícias que não são para o bem de uma pessoa só, mas de um coletivo”, diz.

Gosto de repostar as notícias do Instagram da Funai, por exemplo, e quando a gente reposta, a gente re-divulga e as pessoas gostam, ficam sabendo o que está acontecendo e começam a compreender e entender, e ficam entendidas e acabam respeitando mais a gente. Dentro da comunicação tem a questão do tema da segurança também, tivemos umas aulas rápidas com um grupo que falou sobre o cidadão digital, falou da segurança porque não adianta a gente estar nas redes e correr perigos, e saber o que vai postar⁵⁸.

⁵⁶ Entrevista realizada com Renan Tabajara no dia 27 de janeiro de 2023.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Entrevista realizada com Renan Tabajara no dia 27 de janeiro de 2023.

Renan Tabajara continua a entrevista comentando que, especificamente na juventude em que ele está, que é a Juventude Tabajara, o coletivo nunca planejou muito as ações de comunicação não, sempre foi agindo conforme impulso ou demanda. “Mas lá na JIC, fizemos um planejamento e a gente percebe o resultado disso na interação, a gente se surpreende quando tem uma máxima interação e a gente percebe resultados”, explica ele.

O jovem comenta ainda que, para ele, isso de trabalhar com os meses comemorativos, tipo o janeiro branco - em que as pessoas pautam o tema da saúde mental, produzindo vídeos e *cards*, é bem interessante e a JIC acabou fazendo isso e o coletivo foi percebendo que funcionava bem, “principalmente com os vídeos, que tem a imagem e o som, isso tem uma grande interação com os nossos povos indígenas”, diz.

O que o povo gosta mais de ver nas redes sociais é quando a gente fala de cultura, gostam mais do que quando a gente posta sobre a política, temos até um projeto que faz muito sucesso que é o ‘integração cultural’ e os jogos indígenas. Lá no início, fizemos um planejamento com a nossa juventude local aqui da aldeia, mas não deu muito certo na época mais por conta das habilidades, tipo se você postar uma foto sem tamanho certo no Instagram, ela corta. Fizemos umas postagens recentes sobre os nossos jogos e vimos que as pessoas gostaram muito e alcançamos muitas pessoas⁵⁹.

Figura 13 - Reprodução do *Instagram* de Renan Tabajara



Fonte: reprodução do *Instagram*.

⁵⁹ Idem.

3.7 Jardel Potyguara: “fazer com que os povos sejam multiplicadores”

A última entrevista desse ciclo de conversas com os comunicadores indígenas do Ceará se dá com Jardel Potyguara, indígena da etnia Potyguara, que mora na Aldeia Mundo Novo, no Ceará. Ele se apresenta como professor e trabalha na Escola Indígena Povo Caceteiro. Além disso, ele informa que está cursando Pedagogia, fala que é indígena do Movimento Indígena Potiguar-Tapuia e coordenador do Movimento de Apresentação Cultural Maneiro Pau Povo Caceteiro, é cantor também, faz arte com as músicas indígenas nativas, na língua indígena e trabalha “mais em prol da defesa da vida e a favor dos direitos indígenas, a favor da demarcação do território, a favor da saúde, da educação e nós temos também a língua como uma bandeira de luta”, afirma o jovem.

Seguindo o momento de apresentação, Jardel diz que se vê como sendo um jovem indígena que defende, segundo ele, a mitologia indígena, a espiritualidade, as bandeiras de luta, os direitos dos povos indígenas, dos seres humanos e o direito à terra.

Me vejo como um jovem que procura melhorias para os jovens, para os povos indígenas, para o meu povo, lutando pelo bem viver. Nós acreditamos muito no bem viver, na espiritualidade, nós buscamos que os nossos povos - por que nós somos Movimento Indígena Potiguar-Tapuia - possam viver com a terra demarcada, sem a invasão da mineração, lutamos em prol da vida⁶⁰.

Figura 14 - Reprodução do *Instagram* de Jardel Potyguara



Fonte: reprodução do *Instagram*.

⁶⁰ Entrevista realizada com Jardel Potyguara no dia 3 de fevereiro de 2023.

No *Instagram*, Jardel usa o nome “Potyguara wirawasu” para identificar sua página que conta com 83 publicações e mais de 3.150 seguidores (dados verificados no dia 18 de dezembro de 2023). Para Jardel Potyguara, ser comunicador é buscar logo o engajamento, primeiramente, “quando nós queremos repassar alguma pauta, alguma informação. Buscar o engajamento principalmente nas redes sociais”, explica ele. Além disso, ele acha que o comunicador tem que buscar repassar, transmitir, fazer com que os povos sejam multiplicadores - sejam dos assuntos mais voltados aquilo que a gente quer repassar - seja a pauta indígena, a cultura indígena, a dança, a espiritualidade, a mitologia.

Para Potyguara, ser comunicador é repassar aquilo que o povo gostaria de saber sobre a pauta indígena, é construir materiais, repassar a mensagem indígena, “aquilo que a gente quer, que a gente acredita”, diz.

Comunicação é muito importante, é interagir, é poder se relacionar com outras pessoas, é fazer contato de várias formas, seja virtualmente ou presencialmente. Comunicação é muito importante, às vezes através de um olhar a gente já consegue se comunicar. Através das nossas danças e dos nossos cantos, a gente consegue se comunicar. Seja se comunicar espiritualmente com outras pessoas. E tem várias formas de comunicação⁶¹.

Figura 15 - Reprodução do *Instagram* de Jardel Potyguara



Fonte: reprodução do *Instagram*.

⁶¹ Idem.

Seguindo o diálogo, Jardel fala que as redes sociais são, para ele, muito importantes: “por que a gente consegue se comunicar, interagir, buscar objetivos como a valorização da cultura indígena e que as pessoas conheçam um pouco da cultura, da língua, conheça realmente o mundo dos povos indígenas”, afirma. Para ele, os povos indígenas, e ele se inclui aqui, já ficaram muito tempo calados, deixando muito os “não indígenas” falar.

Eu não me considero jornalista. Mas me considero um jovem que quer levar a voz do Movimento Indígena Potiguar- Tapuia, da juventude Potyguara, a voz dos nossos troncos velhos, da nossa espiritualidade. E com isso eu acabo levando alguns produtos em vídeo, principalmente, que eu joga no youtube e no instagram, levando as nossas narrativas, construindo aí as nossas ideias, naquilo que a gente acredita, levando os mitos de criação do povo Potiguar, na nossa língua.

Eu vejo que eu busco construir mais querendo levar essa missão: que nós estamos aqui, resistindo, lutando contra a mineração nos nossos territórios. Importante levar esses conteúdos, gravar vídeos - mas respeitando, é claro, as nossas espiritualidades, o nosso interno, porque tem muitas coisas também que a gente não pode sair divulgando para os não indígenas, inclusive informações sobre a língua.

Muitas palavras que a gente busca não divulgar muito por conta da nossa segurança, que sofreram muito no passado, que tiveram que se calar por muito tempo. Temos hoje uma nova visão, acreditamos em nosso mundo, nossa medicina. Levar essa mensagem adiante é também uma forma de fortalecer laços, parceiros de luta, ter um intercâmbio de saberes entre os povos. Tudo isso a gente faz através dos meios de comunicação⁶².

O jovem indígena continua o raciocínio, explicando que, hoje em dia, as redes sociais trazem mais um espaço para estar se comunicando e trazer um pouco do mundo indígena, afirma ele, da cultura, para lutar na defesa dos direitos, divulgar as bandeiras de luta, pedir ajuda, adquirir novos conhecimentos, conhecer um pouco da sociedade, do mundo. “Conhecer as leis, acompanhar discussões voltadas às pautas dos indígenas. As redes sociais não servem só para divulgar, mas também buscar ajudas e melhorias”, complementa Jardel.

Às vezes eu vejo também uns problemas nas redes: as crianças estão deixando de tomar banho de açude, de brincar nas matas com seus pais, tudo isso para ficar no celular. Daqui uns dias a gente vai perdendo um pouco do nosso jeito de ser, da nossa cultura. Temos medo da criança baixar um maracá nas redes e esquecer do maracá da nossa aldeia.

A tecnologia fica num alto nível e a gente perde, e temos que fortalecer o interno. Acredito que o meu trabalho vai evoluindo. Se tiver um certo número de seguidores que assistam o conteúdo e curtam é porque está dando resultado: curtidas e compartilhamentos eu vejo como troféus, que eu vou adquirindo ali com aquele conteúdo que eu construí junto com meu povo⁶³.

⁶² Entrevista realizada com Jardel Potyguara no dia 3 de fevereiro de 2023.

⁶³ Idem.

Para Jardel Potyguara, ocupar as redes sociais é a pessoa buscar aquele espaço, inclusive para os indígenas, buscar um espaço que, por muito tempo, os povos indígenas não tinham, até porque não conheciam as ferramentas. “Mas hoje em dia, já temos outra visão. Os povos indígenas têm que ocupar as redes para estar levando as pautas, a cultura. E para outros povos também - como é a luta, a cultura, daquele povo”, afirma.

Ele segue o pensamento informando que, para ele, é importante trabalhar o interno, e levar para o externo, e a pessoa, segundo ele, pode também estar levando para a sociedade, entender realmente como os povos vivem. “Antigamente os povos estavam muito acanhados - até por não conhecer as redes. Hoje em dia os povos já estão ocupando as redes - e a sociedade. E isso já é um grande avanço. Vamos aprendendo de pouco em pouco”, afirma. Para ele, as redes sociais devem ser usadas como ferramenta de luta.

Em sua página no *Instagram*, Jardel fala muito da cultura do seu povo, da presença em eventos políticos e reforça, na maioria das postagens, a pauta da luta pelo direito linguístico. Para ele, trazer a voz e a imagem nas redes é mais para uma verificação, para trazer confiança para os povos que estão nas redes acreditarem no que a pessoa está falando, traz mais credibilidade, que os conteúdos tenham credibilidade, que os povos possam ver, está divulgando.

Potyguara cita a estratégia que tem usado para valorizar a língua: “Ocupar as redes com nossa voz e imagem é muito importante para você estar conhecendo quem é aquele que tá falando. Para a língua, trazer conteúdo, depois legendar para o português”, afirma o jovem.

Meu trabalho nas redes sociais é mais voltado para a cultura do meu povo, mais para um interno, para estar levando nossa história, nossa espiritualidade, os cantos, a língua. Eu faço mais um trabalho com conteúdo voltado para o meu povo - até porque eu só posso falar do meu povo, até porque tem povos que eu não conheço bem, e a gente tem que respeitar.

Cada povo tem que falar por si só. Eu tento falar com um público-alvo que não tenha preconceito, que queira realmente conhecer culturas - vivemos em um mundo cheio de culturas. Importante os povos indígenas falarem por si, sem isso de serem terceirizados, quebrando estereótipos, quebrando o racismo, os preconceitos de que ainda somos aquele povo achado nos anos de 1500⁶⁴.

Para Jardel, a comunicação é uma grande estratégia para avançar a favor dos direitos porque, segundo ele, a pessoa consegue alcançar muitas informações e pode também se alinhar e estar mais próximos uns dos outros, se reunindo através das redes sociais por meio daquela comunicação remota, virtual. “Conhecer quais as informações certas e falsas, conhecer quais as

⁶⁴ Entrevista realizada com Jardel Potyguara no dia 3 de fevereiro de 2023.

ameaças que estamos enfrentando. A gente vê que pode avançar muito, trazer as bandeiras de luta, para buscar fortalecer nossos direitos”, explica.

E complementa a importância de fazer campanhas, reuniões, *lives*, tudo isso para chegar em um público-alvo, levando a voz dos povos para cada vez mais longe - não apenas no município dele - mas indo para o Brasil, para o mundo.

As redes sociais trabalham com algoritmos, e quando você consegue sincronizar com um número de pessoas e com interesse do assunto, isso vai ter um público-alvo bem interessado. Mas tem que buscar o fortalecimento internamente. Ter sonhos, mas olhar a realidade.

Nas redes sociais você pode buscar ter vozes, acaba ganhando um público que gosta de te ouvir, que quer aprender. Mas tem também um público que não vai gostar, que acaba vendo as plantas como um mato qualquer, que vê um lajedo como uma pedra qualquer. Mas isso faz parte. Vai conseguir levar a voz, ser ouvido. O primeiro passo é sair do aconchego, deixar de ser acanhado, conhecer coisas novas⁶⁵.

Jardel segue dialogando sobre a comunicação como ferramenta de luta e fala que, para ele, o preconceito que o atinge também ao seu povo - não é, para ele, apenas aquele verbal, mas quando a ação é a negação dos direitos, dos territórios e a forma de viver dos povos não são respeitados. Para ele, o preconceito não se acaba, ele explica que se vive hoje em uma sociedade racista, machista. “Temos que avançar, só que a sociedade coloca panos em cima. Temos que sensibilizar, ter respeito pela diversidade das culturas, de línguas. Preconceito ele nunca acaba, ele existe de várias formas - e a negação de direitos é um deles”, afirma.

Falando sobre a importância da juventude e da comunicação, ele fala que os jovens têm evoluído muito, e ele se inclui: “a gente tem que almejar novos olhares, coisas boas, construir o nosso espaço, ocupar espaços do movimento, nas universidades, nas ruas. Temos que ter sonhos e objetivos”, explica. E Jardel segue o pensamento reforçando que é, sim, preciso seguir, mas claro, ele reforça, que isso tem que ser feito com respeito pelas lideranças e mais velhos também, e aqueles que iniciaram a luta.

Ser jovem é ter responsabilidade, saber a hora que tem que se divertir, calar um pouco para ouvir os mais velhos. Temos muitos jovens que não respeitam a liderança, que acabam tendo um projeto de poder. Melhor que seja um projeto coletivo de bem viver, não esse individualista do só você viver bem, pensando só em si.

A juventude tem que avançar no sentido da luta, mas também em parceria com os troncos velhos e ali sabendo ouvir, caminhando lado a lado, sem tomar espaço da liderança mas sim construindo seu lugar. Lutar começa de baixo, escutando e sabendo ouvir⁶⁶.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Entrevista realizada com Jardel Potyguara no dia 3 de fevereiro de 2023.

4 ACAMPAMENTO TERRA LIVRE 2023: O FUTURO INDÍGENA É HOJE

No capítulo quatro, destacamos reflexões sobre a vivência que tivemos ao acompanharmos, presencialmente, a edição do ano de 2023 do Acampamento Terra Livre (ATL), em maio, em Brasília. Uma experiência potente que nos colocou na presença de centenas de indígenas de todo o Brasil e nos possibilitou conversar, conhecer e rever dezenas de comunicadores indígenas, inclusive os que destacamos nos capítulos anteriores. No site institucional, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) apresenta o evento, um dos mais importantes para encontros e articulações entre os povos indígenas:

Nossa diversidade é nosso futuro. Somos 305 povos em território brasileiro. Essa grande riqueza cultural e humana é um privilégio de poucas nações. Apesar da colonização. Apesar das inúmeras tentativas de extermínio, nós resistimos. E nós nos fazemos mais fortes em conjunto. Entre os dias 24 e 28 de abril ecoaremos nossas vozes através do concreto, povoando o vazio do planalto central com a vida originária destas terras que conhecemos hoje, como Brasil.

No 19º Acampamento Terra Livre seremos milhares de Indígenas, de centenas de povos diferentes. Conheça os povos Indígenas do Brasil. Defenda as florestas. Apoie nossa luta. O futuro Indígena é hoje, sem demarcação não há democracia⁶⁷.

Figura 16 - Comunicadores yanomami em frente à plenária do ATL 2023



Fonte: Foto de Fabrício Araújo/ISA.

⁶⁷ Apresentação do ATL 2023 no site da APIB - ATL2023 | APIB (apiboficial.org)

4.1 Alexandre Pankararu: “Estamos aqui na frente falando de comunicação”

Com um gravador na mão e uma alegria por estar presente no Acampamento Terra Livre (ATL), no dia 27 de abril, de 2023, pudemos acompanhar, presencialmente, em Brasília, a “Plenária: A importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta”. Diversos comunicadores indígenas e outras lideranças participaram do debate no ATL, o maior encontro do movimento indígena do Brasil.

Nesta edição, a comunicação do encontro teve como destaques, segundo informes da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), a exibição de filmes feitos por indígenas e o debate sobre o protagonismo das próprias narrativas feitas por indígenas.

Figura 17 - Imagens da cobertura do ATL 2023



Fonte: Mídia Ninja.

Na plenária do ATL 2023 “A importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta”, contamos com a presença de Samela Sateré Mawé, representante da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e mediadora do debate, com Alexandre dos Santos, de 48 anos, do povo Pankararu; Coordenador da Rede de Jovens Comunicadores da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab),

o paraense Mitã Xipayaya, de Altamira (PA); o Ricardo Terena da Arpin Sudeste; Sally Nhandevas, moradora aldeia Porto Lindo, Japorã (MS), Erisvan Guajajara, Mídia Indígena.

Comunicador há mais de 20 anos, Alexandre Pankararu, da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), afirmou a necessidade de usar as novas tecnologias para fortalecer a luta em defesa dos direitos indígenas, sobretudo para dar protagonismo aos parentes. Aponta ainda, que, “pela primeira vez, em 19 edições do ATL, nós, comunicadores indígenas, estamos aqui na frente falando de comunicação. A comunicação faz parte dos povos indígenas há milhares de anos, sempre se comunicaram há milhares de anos, do seu jeito”, explica o comunicador. Alexandre ressalta que, de um tempo para cá, dos anos 2000 para cá, surgiram muitos comunicadores sociais indígenas.

Como era feito antes, sem a internet, antes era menos ligeiro do que agora, tem muita gente transmitindo o ATL aqui agora. Antigamente, os parentes faziam os registros e a gente só ia ver no ATL do outro ano. A gente tinha mais tempo, sem a internet, a gente tinha esse objetivo, de levar para longe a voz dos nossos parentes.

Até então, o jornalismo das grandes redes – isso não era comunicação porque eles não se comunicavam com a gente – eles tinham opinião sobre nós, as pessoas nos tratavam como pessoas folclóricas, nos tratavam como folclore brasileiro. Nos incomodava muito, então tomamos isso da comunicação para levar a voz e o conhecimento, nosso desafio também é nossa realidade como nós vivemos⁶⁸.

Alexandre Pankararu complementa informando ainda que essa presença mais forte da comunicação, segundo ele, começou em 2004 com o ATL e nas aldeias, e isso foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Em 2012, conforme ele relata, surgiu o *Instagram* da “Mídia Índia” e foram surgindo depois várias redes e coletivos indígenas, foi quando, segundo ele, aumentou a amplitude das vozes indígenas.

O comunicador Pankararu comenta ainda que, em edições passadas do ATL, por exemplo, “a gente não tinha esses aparelhos que temos aqui, a gente andava com as coisas emprestadas, uma câmera *HD*, a gente saía filmando, fotografando”, afirma ele. O indígena relata ainda que, em 2010, quando ele entrou na Apoime para fazer comunicação, essa ação mais planejada de pensar as estratégias foram, segundo Alexandre, tomando corpo. “Tem muitos companheiros nossos da época que tomaram outros rumos, e a gente está aqui insistindo até sobreviver”, afirma.

⁶⁸ Fala de Alexandre Pankararu durante a Plenária do ATL 2023 sobre a “A importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta” no dia 27 de abril de 2023, em Brasília.

Muitas coisas são vistas como sendo da comunicação, porque a comunicação está na base, nós sentimos as dores e as violências. Quando um povo nosso vive a violência, a gente sente também, pode acontecer com a gente como aconteceu com nossos povos antes no tempo da invasão. A gente escreve, a gente publica, a gente faz os cards com emoção. A comunicação indígena, como o cinema e a rádio, a gente faz com emoção porque pra nós é uma missão, estou nisso desde 2004, já são 20 anos⁶⁹.

Falando sobre sua trajetória profissional, Alexandre informa que começou trabalhando na rádio e de lá para cá o cenário mudou, a tarefa, segundo ele, vai se tornando prazerosa, mas também muito cansativa: “é uma missão que tenho, me sinto cansado, mas o entusiasmo é de quando eu comecei, a felicidade de ver tantos jovens aqui e a diversidade, e a especificidade que cada um tem na área da comunicação”, afirma.

E Pankararu segue o pensamento dizendo que o comunicador de hoje não é mais, segundo ele, aquele de antes que fazia tudo, “a gente agora tem o rapaz que faz a montagem, que é especialista em filme, que é influenciador, que faz a narração, que é de apresentar. Em todas as áreas, temos um especialista, o que eu espero para o futuro é que amplie”, explica. E Alexandre traz uma fala de esperança no futuro quando diz que espera que essa juventude continue e vejam a comunicação como uma ferramenta de luta, resistência dos povos:

Lembro de um vídeo que fizeram dos ataques aos Terena – o vídeo nem tinha muita qualidade, mas repercutiu antes mesmo da grande imprensa chegar, viralizou muito rápido, se não tivesse um parente lá filmando, seria mais um ataque esquecido. É muito importante para a nossa luta, para a nossa sobrevivência e para a nossa segurança, a comunicação também traz segurança, as pessoas pensam duas vezes antes de nos atacar porque sabem que algum de nós tem um celular na mão. A esperança que eu tenho é que apareçam mais jovens – e eu sei que tem⁷⁰.

4.2 Samela Sateré Mawé: “As narrativas protagonizadas por nós”

A Plenária do Acampamento Terra Livre (ATL) 2023 sobre a “A importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta”, no dia 27 de abril de 2023, em Brasília, seguiu com a participação da Samela Sateré Mawé, representante da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e mediadora do debate. Com uma fala firme e conduzindo as conversas, Samela fala que “as narrativas indígenas têm que ser protagonizadas por nós, porque nada é por nós, sem nós”, explica. E segue o diálogo explicando que a Apib é

⁶⁹ Fala de Alexandre Pankararu durante a Plenária do ATL 2023 sobre a “A importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta” no dia 27 de abril de 2023, em Brasília.

⁷⁰ Idem.

composta por muitos coletivos de comunicação indígena, são jovens indígenas que se apropriaram das tecnologias, do celular e da internet como ferramentas de luta e resistência.

E a gente quebra esse paradigma de que a juventude só foi feita agora pela juventude, mas não, comunicação é feita há muito tempo dentro do movimento indígena e que agora, com a internet, a gente consegue ocupar muitos mais espaços.

Grandes veículos de mídia e de comunicação e até mesmo as escolas não falam por nós. Simplesmente porque não sabem falar sobre nossos povos, línguas, nossa cultura e sobre nossas identidades da forma como nós mesmos falamos⁷¹.

Samela Sateré Mawé comenta ainda que, por estar fazendo um trabalho mais perto com as mulheres indígenas, reforça de como elas são muito fortes, e que tem ocupado espaços que acham que nunca estariam lá, e agora “a gente consegue, através da comunicação, ocupar e chegar mais longe com a nossa narrativa em outros espaços. Queremos que mais comunicadoras indígenas estejam trabalhando nessa vertente”, explica.

Samela Sateré Mawé nos fala ainda da importância de se acreditar em uma comunicação que abranja todos os povos, que a narrativa indígena seja ouvida, que todos acreditem na luta da comunicação, que a comunicação é sim, segundo ela, uma forma de resistência, de decolonização, de construção e de denúncia, “somos os protagonistas das nossas histórias”, finaliza.

Em matéria divulgada na imprensa⁷², durante a pandemia, a artesã Samela Awiá, do povo Sateré-Mawé, do Amazonas, ganhou mais de 50 mil seguidores no *Instagram*. Divulgando vídeos e fotos sobre a cultura de sua gente e explicando ao público questões sensíveis como o garimpo e o marco temporal, ela se tornou uma das principais comunicadoras da Apib.

Sair das aldeias era perigoso durante a pandemia, mas não podíamos ficar isolados. Precisávamos saber o que estava acontecendo no país e denunciar as mazelas que enfrentamos, também por conta da Covid-19 e da falta de vacinação. Com isso, o movimento indígena nas redes cresceu muito⁷³.

⁷¹ Fala de Samela Sateré Mawé durante a Plenária do ATL 2023 sobre a “A importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta” no dia 27 de abril de 2023, em Brasília.

⁷² Notícia divulgada no site AUM MAGIC, no endereço aumagic.blogspot.com/2022/06/articulacao-indigenas-redes-sociais.html

⁷³ Idem

Figura 18 - Imagem de Samela Sateré Mawé



Fonte: Nathalie Brasil.

Figura 19 - Imagens da Cobertura ATL 2023



Fonte: Mídia Ninja.

4.3 Mitã Xipaya: “nossa comunicação vai passar tudo, sem manipular.”

O debate no ATL 2023, em Brasília, sobre “a importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta” continuou com a participação de Mitã Xipaya, de Altamira (PA), ele é Coordenador da Rede de Jovens Comunicadores da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab).

Em sua fala, Mitã nos explica ainda que a Coiab vem pensando sobre várias formas de como a organização, segundo ele, possa “ter pernas” para se comunicar em todos os territórios

da Amazônia. Para Xipayaya, falar de comunicação indígena é sempre muito importante, e ressalta que na Amazônia, para além da Coiab, existem vários coletivos de comunicação em diversos territórios e daí a importância, segundo ele, de chamar outros para fazer esses intercâmbios de comunicação: “nós surgimos na época da pandemia da Covid para que pudéssemos chegar nas comunidades com informações de qualidade e combater as desinformações, fizemos campanha de vacinação, fazer de conscientização dos parentes”, informa, explicando existem hoje mais de 76 comunicadores de base dentro da rede e que continuam agindo nas aldeias.

Sou jovem, iniciei na comunicação com 13 anos, e hoje consigo fazer esse intercâmbio com outros jovens comunicadores, de conversar e chamar para perto, para que possamos conseguir estar aqui nesse ATL com uma equipe que possa cobrir os temas da Amazônia e mandar para o território, estamos aqui em 25 comunicadores da Coiab além dos que vieram com as suas delegações, colaborando com a equipe da APIB.

Antes a gente via que os mais idosos não se sentiam seguros em passar uma informação para divulgação, e hoje mudou, a gente consegue fazer pois hoje quem faz a comunicação somos nós, que entrevistamos a nossa mãe, a nosso avô, se sentem orgulhosos de ver a juventude fazer a comunicação.

A importância de nós jovens estarmos produzindo comunicação dentro dos territórios, com o nosso olhar, um olhar que não vai passar de qualquer modo. Diferente de uma matéria feita por não indígenas, a nossa comunicação vai passar tudo, sem cortar nada, sem manipular⁷⁴.

Para Mitã Xipayaya, um importante desafio ainda é o acesso aos equipamentos e também à conexão de internet e a necessidade de que as formações sejam todas continuadas. “A Coiab faz formações diárias e semanais, para não perder a conexão, para dar aquele gás, que os jovens não fiquem sozinhos e do repasse de informações que cada um faz dos seus territórios”, explica reforçando que, para ele, o movimento indígena só será fortalecido quando todas as organizações tiverem recursos e condições, de equipe, equipamentos e comunicação.

⁷⁴ Fala de Mitã Xipayaya durante a Plenária do ATL 2023 sobre a “A importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta” no dia 27 de abril de 2023, em Brasília.

Figura 20 - Imagens da Cobertura ATL



Fonte: un.org.

Figura 21 - Imagens da Cobertura ATL 2023



Fonte: Mídia Ninja.

4.4 Erisvan Guajajara: “nem tudo que filmamos, podemos divulgar”

A Plenária no Acampamento Terra Livre (ATL) 2023, em Brasília, sobre “a importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta” finalizou com a fala do Erisvan, do povo Guajajara, da Terra Indígena Araribóia (MA), ele é jornalista, um dos fundadores do coletivo “Mídia Indígena”. Sua fala se inicia com a explicação sobre a mudança do coletivo de comunicação - antes o nome era “Mídia Índia” - ele apresenta o novo conceito: “voltamos aí com esse novo nome, com nova identidade para mostrar o protagonismo dos

nossos povos, e muito me honra estar aqui nessa mesa com vários coletivos que compõem a APib”, diz Guajajara.

Para ele, essa é a história que os comunicadores devem contar sobre o protagonismo dos povos indígenas e das narrativas, “e fico muito honrado em ver que vocês estão participando e fortalecendo, cada vez mais, o movimento indígena. O nosso coletivo é a soma, essa soma que multiplica e que fortalece, surgiu em 2015”, afirma. Ele conta que, lá para cá, o grupo passou por vários territórios, fazendo oficinas e ensinando os parentes a usar a câmera e o celular como uma ferramenta de luta, “essa é a visibilidade que a gente quer, de poder contar nossas histórias, como ela realmente deve ser mostrada, de mostrar para as nossas lideranças que a comunicação é essencial para fortalecer a nossa luta, que é coletiva”.

Figura 22 - Foto de Erisvan Guajajara Imagens da Cobertura ATL 2023



Fonte: Igo Estrela / Metrôpoles.

A comunicação é linda, é potente, mas a gente tem que ter aquela cautela, nem tudo que nós estamos filmando nós podemos divulgar, cada povo tem seu lado sagrado, cada um com sua especificidade, sempre respeitando o que pode ser divulgado ou não, ter a potência, mas também ter o cuidado.

Estamos em um momento histórico do nosso país, estamos aos poucos reconstruindo também a nossa história. É a luta diária nas bases, nas ruas, nos campos e nas retomadas, temos ocupado – as telas e as terras - esses espaços para reafirmar que a nossa comunicação dá protagonismo aos nossos povos e às nossas lideranças.

É do chão que a gente pisa, do direito que é negado, do dizer silenciado pelos donos do poder, é das histórias apagadas, das vidas antepassadas, de onde nasce o nosso modo de ser⁷⁵.

⁷⁵ Fala de Erisvan Guajajara durante a Plenária do ATL 2023 sobre a “A importância da Comunicação e tecnologia Indígena na decolonização, denúncia e luta” no dia 27 de abril de 2023, em Brasília.

4.5 Seguir em resistência, em retomada

E a convocatória para as lutas e para a ocupação das redes segue como importante pauta nacional do movimento indígena, com destaque para o protagonismo das juventudes. Exemplificação disso é a campanha recente lançada⁷⁶ pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) no seu *Instagram*: “Boas práticas de comunicação sobre a pauta indígena”.

Ei, parentes comunicadores e parceiros da imprensa, com o avanço da agenda anti-indígena e anti ambiental no congresso, seguimos em resistência, e a comunicação é uma peça fundamental. Para seguir ecoando a luta pela vida e contra o marco temporal, preparamos algumas orientações que tem objetivo de mostrar boas práticas de comunicação e posturas para fortalecer os povos e organizações indígenas⁷⁷.

Figura 23 - Instagram da Apib Oficial



Fonte: reprodução do *Instagram*.

A Apib conta com mais de 270 mil seguidores⁷⁸. A postagem “Boas práticas de comunicação sobre a pauta indígena⁷⁹” ressalta, nos seus cards, alguns pontos, que trazemos aqui como destaque:

- o protagonismo: A importância de reforçar o protagonismo do movimento indígena e dos povos na realização de atos, assim como em todo o seu processo de resistência que dura mais de 520 anos e com o reforço do papel dos povos de Guardiões da Natureza;

⁷⁶ Post divulgado no dia 07 de julho de 2023, no instagram @apiboficial <https://www.instagram.com/p/CuP8CfLPZBm/>

⁷⁷ Legenda do post no instagram @apiboficial <https://www.instagram.com/p/CuP8CfLPZBm/>

⁷⁸ Verificação feita no dia 05 de julho de 2023

⁷⁹ Post divulgado no dia 07 de julho de 2023, no instagram @apiboficial <https://www.instagram.com/p/CuP8CfLPZBm/>

- a diversidade cultural: A necessidade de reforçar a pluralidade e a diversidade de povos das diferentes regiões do Brasil⁸⁰, evitar se dirigir aos povos de modo genérico e não dar a entender que existem indígenas somente na Amazônia e entender que toda cultura é dinâmica, não fica parada no tempo;
- a linguagem e grafia: A linguagem tem um importante peso político e não se referir a indígenas com conotação colonialista ou integracionista - usar “indígena” ao invés de “índio”, usar “povo” ao invés de “tribo ou etnia”, usar “aldeia ou comunidade” ao invés de “tribo” e usar “proteger” ao invés de “preservar”;
- o uso de imagem: Sugere-se que sempre considere o contexto e a linguagem quanto utilizar imagens e fotos de povos indígenas e pinturas corporais e grafismos indígenas têm significados muito singulares para cada povo, que não conseguimos compreender. Além disso, podem estar relacionados a elementos sagrados e espirituais e ser usados apenas em ocasiões muito especiais. Evite reproduzir as pinturas corporais indígenas ou se apropriar dos desenhos ou utilizar imagens de indígenas fora de contexto.

4.6 “Indigenizando a comunicação⁸¹”

Ressaltamos aqui para a reflexão, uma recente postagem do *Instagram* Mídia Indígena Oficial na ocasião em que o coletivo anuncia a mudança do nome da página (que anteriormente era “mídia índia”). A página, conforme apresentação do grupo no *Instagram*, é um coletivo formado por indígenas.

Protagonizada por jovens indígenas que contribuem para romper com a comunicação hegemônica e não participativa, um dos maiores objetivos da “Mídia Indígena” é a garantia de uma comunicação representativa. Uma postagem⁸², publicada no dia 19 de abril de 2023, apresenta a nova identidade e explica:

Neste Dia dos Povos Indígenas, apresentamos a todos os indígenas e seguidores de nossas redes sociais a nossa nova identidade. A partir de hoje, passaremos a utilizar o nome Mídia Indígena. Sabemos que terminologias pejorativas ainda nos afetam, mas acreditamos na resignificação e na desconstrução para construir uma nova realidade para nossos povos.

⁸⁰ “Existem hoje mais de 305 povos no Brasil, em todas as regiões e Biomas”, afirma a Apib no post do *instagram* <https://www.instagram.com/p/CuP8CfLPZBm/>

⁸¹ Citação de Célia Xakiabá em mensagem no *Instagram* disponível em <https://www.instagram.com/p/CrNtOGxuAeK/>

⁸² <https://www.instagram.com/p/CrNtOGxuAeK/>

Sempre acreditamos na capacidade da comunicação indígena como uma ação fundamental, formativa e transformadora. Nossa principal missão é dar visibilidade e fortalecer nossa luta ancestral⁸³.

Figura 24 - *Instagram* da Mídia Indígena Oficial



Fonte: reprodução do *Instagram*.

A postagem traz engajamento e comentários, um em especial, trazemos para reflexão com destaque: quando a Célia Xakriabá, a 1ª Deputada Federal indígena eleita por Minas Gerais, comenta celebrando a mudança “Indigenizando a comunicação”. Com mais de 241 mil seguidores, a parlamentar traz em sua bio do insta a frase que virou seu lema: “Antes do Brasil da coroa, existe o Brasil do cocar”.

Antes do “reposicionamento” da identidade e marca da “Mídia Indígena”, o coletivo de jovens comunicadores indígenas lançou, entre suas ações em rede, o programa “Fala Mídia Índia”, no *YouTube*⁸⁴, para informar e multiplicar as informações sobre os povos indígenas no Brasil. Na estreia, que aconteceu no dia 5 de julho de 2023, o programa⁸⁵ contou com mediação de Erisvan Guajajara, Erick Terena e Tukumã Pataxo, que trouxeram um balanço político e descontraído sobre as mobilizações dos povos indígenas no mês de Junho. O programa, que conta com 5 episódios, foi ao ar uma vez por mês, no canal da “Mídia Indígena” no *YouTube*, em um formato de debates e convidados.

⁸³ Post publicado no *instagram* mídiaindigenaoficial no dia 19 de abril de 2023 <https://www.instagram.com/p/CrNtOGxuAeK/>

⁸⁴ O canal conta com mais de 2,24 mil inscritos, verificação realizada no dia 05 de julho de 2023.

⁸⁵ O programa está disponível no *youtube* no link <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=5YybBLUfe-Q&feature=youtu.be>

O “Fala Mídia Índia” está salvo no canal e o programa de estreia contou mais de 904 visualizações⁸⁶ no *Youtube*. No programa de estreia, o jornalista Erisvan Guajajara, que no seu *Instagram* “Itaynwa”⁸⁷ se apresenta como “ativista defensor de direitos indígenas, fundador coordenador da Mídia Indígena, usando a comunicação como ferramenta de luta”.

Estamos vindo aí com muitas novidades na comunicação, com uma juventude mais potente e uma equipe de comunicação bem ampliada. A galera que está chegando junto está crescendo, somos uma rede que está mostrando, através da comunicação, o protagonismo dos povos indígenas. Tem uma juventude indígena de todo Brasil e muito grande acompanhando a gente.

E temos a tarefa de fortalecer, ainda mais a pauta da juventude e da comunicação dentro do movimento, é uma turma muito potente. A juventude traz a força das novas ideias para o movimento. E vamos caminhando rumo à essa revolução que é a comunicação que traz aí o protagonismo da juventude, uma comunicação que conte a nossa história como deve ser contada. E estamos ocupando esse espaço aqui hoje que é de grande importância.

Não somos apenas militantes de internet, estamos aqui ocupando um espaço que há muito tempo nos foi negado. E estamos usando essa ferramenta, que nos foi negada, para contar a nossa história como deve ser contada porque os grandes veículos de comunicação sempre trazem os povos indígenas de modo negativo⁸⁸.

Há uma série de experiências comunicacionais, na internet, protagonizadas por jovens indígenas que emitem uma perspectiva nativa sobre si – “eu-indígena” - e sobre o movimento do qual são parte, muitos exemplos foram citados neste texto. Nas redes sociais há produção e compartilhamento diário de conteúdos sobre atividades de cada povo e do movimento indígena, informando agendas, pautas e ações com seus respectivos protagonistas, geralmente, representações coletivas locais ou estaduais, as “lideranças indígenas”. Anualmente, o mês de abril conhecido como “Abril Indígena”, o Acampamento Terra Livre, a Assembleia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará e a Marcha da Terra são foco de conteúdos jornalísticos veiculados pelas mídias disponíveis, inclusive por Organizações Não Governamentais - ONG.

A experiência da criação de coletivos de comunicadores indígenas no Ceará e também em vários outros estados, o protagonismo que a pauta da comunicação indígena tem ganhado no Movimento Nacional Indígena, a citar a presença do debate no ATL 2023 e a mobilização da juventude em torno da comunicação mostram sim a importância da organização dos(as) jovens, a gana de quem se comunica para sobreviver, quem escreve para fazer atravessamentos, para forçar existências e construir resistências, para disputar narrativas e consolidar uma

⁸⁶ Verificação realizada no dia 05 de julho de 2023.

⁸⁷ A conta do instagram conta com mais de 28,2 mil seguidores, verificação realizada no dia 05 de julho de 2023.

⁸⁸ Fala do jornalista Erisvan Guajajara no canal do *youtube* <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=5YybBLUfe-Q&feature=youtu.be>

experiência de comunicação mais dialógica, plural, diversificada, decolonial, que rompa fronteiras, que fortaleça direitos, que descentralize os olhares, as vozes, traga novos protagonismos e sujeitos.

5 CONCLUSÃO

Das análises realizadas - a partir dos teóricos estudados e dos conteúdos das seis entrevistas realizadas, no ano de 2023, com os jovens indígenas do Ceará, Merremii Karão, Janaina Jenipapo, Luan de Castro Tremembé, Renan Tabajara, Jardel Potyguara e Rodrigo Tremembé e o que eles nos apontam sobre as narrativas presentes no *Instagram* - é possível perceber que o espaço digital ocupado por eles é por si só amplo, diverso e com várias camadas e peculiaridades. É um lugar fértil para se observar, por exemplo, uma comunicação em estado de retomada, de demarcação - não só das terras - mas também do direito à comunicação e uso das redes sociais, dos reforços dos protagonismos e das liberdades.

Assim como o movimento indígena pauta sua atuação na luta pela demarcação das terras, os jovens comunicadores seguem em retomada também nas redes sociais. E trazem, em seus relatos e narrativas, quais as estratégias de comunicação, de denúncia e mobilização usadas para seguirem presentes nas disputas pelo protagonismo, pelo direito à voz, pelo fim dos apagamentos em seus processos de participação e de identidade, no anseio de pôr em cena e destacar as memórias ancestrais e os pertencimentos.

Esses jovens comunicadores indígenas do Ceará, ao se depararem com os obstáculos impostos pelos grandes veículos das mídias tradicionais que insistem, ora em contar apenas um lado da história ou em apagar os fatos, se organizam e criam seus próprios espaços comunicacionais e se posicionam ali para estratégias de retomada, de consolidação das presenças para que, assim, sejam capazes de romper com os pagamentos e deixar se espalhar o florescer de novos sujeitos, de outros conteúdos e formas de ser e estar no *Instagram*.

E assim, em retomada, eles são protagonistas: ora em espaços digitais mais formais e institucionais, ora em páginas com conteúdos mais pessoais. E forçam a entrada em lugares permeados de resistências, que os colocam como sujeitos de inadequações e sofrem com racismo e preconceito. Mas eles furam a bolha: os indígenas quando usam *smartphones* e *iphones* para produzir vídeos e se posicionam como “digital influenciadores” e suas *selfies* - acabam rompendo com os estereótipos dos desejam que eles sigam sem acesso às tecnologias e insistem em repetir que, com um celular na mão, eles deixam de ser indígenas. “Uma flor furou o asfalto”, nos lembra o poeta Drummond quando cita a urgência em quebrar o solo duro da violência e fazer germinar novas sementes, outras folhagens. O protagonismo é indígena sim. Já são muitos anos de silenciamento, momento agora é de voz diversa, ativa.

A partir das entrevistas com os seis jovens comunicadores indígenas - Merremii Karão, Janaina Jenipapo, Luan de Castro Tremembé, Renan Tabajara, Jardel Potyguara e Rodrigo Tremembé - outra percepção que tivemos foi de que essa retomada das redes sociais se dá de diversas formas: temos a Merremii Karão que constrói seus protagonismos, nas redes sociais, a partir das suas narrativas ilustradas em quadros, obras de artes e pinturas corporais; temos o Rodrigo Tremembé que se apoia na moda para ser ouvido; temos o Jardel Potyguar que se manifesta na defesa das línguas indígenas para o fortalecimento étnico dos povos e também o Luan Tremembé que, com a missão de ser o primeiro jornalista indígena formado no Ceará, estuda e age para ocupar também os espaços formais de comunicação.

Nas narrativas produzidas pelo jovens sobre as redes sociais, encontramos diversas categorias e pautas presentes nas falas dos seis, a citar as temáticas da cultura e das artes - com a manifestação comunicacional centrada na produção de artes, nas pinturas corporais, na literatura, na moda e a relação com as famílias e os territórios - a importância de manter as memórias e as tradições, os saberes e os fazeres do troncos velhos e as histórias de vida - de como cada um deles sente a necessidade de poder contar suas visões, suas percepções, de narrar os fatos com justiça, com equilíbrio, de modo diverso e com respeito às tradições.

Apesar da pesquisa não se deter em analisar, propriamente, o conteúdo das postagens nas redes sociais, os seis indígenas, em suas falas sobre as narrativas comunicacionais, apontam sim para a importância de demarcar e reforçar a presença no mundo digital - e se utilizar de diversas estratégias comunicacionais: postagens de textos com denúncias, vídeos de engajamento, fotos dos cotidianos nas aldeias. E muitos deles comentam ainda de como faz diferença, no desempenho do engajamento do *post* no *Instagram*, ter fotos e vídeos com melhor edição e finalização, e ressaltam a importância de mais formações técnicas nas áreas.

Uma demonstração disso é quando a Janaína Jenipapo cita na entrevista que, “neste caso não só palavras vão ao longe, mas também os desenhos e imagens que seguem ecoando, encantando e curando as pessoas”, aponta. Muitos deles, tanto Luan Tremembé como Renan Tabajara, falam da necessidade de se capacitarem, de fazerem cursos com técnicas em foto e vídeo para terem produtos comunicacionais mais bem acabados, aponta Renan Tabajara: “Temos que primeiramente entender um pouco sobre as ferramentas, sobre os meios. É preciso usar muito da criatividade, trabalhar sempre com imagens e vídeos que tenham e mantenham uma boa qualidade, isso é sem sombra de dúvida muito importante”, diz.

Isso revela, e trazemos aqui com certo destaque, que, para essa retomada nas redes, os sujeitos precisam estar organizados, capacitados e com alinhamentos estratégicos para que

possam avançar, ainda mais, na pauta da comunicação. Já que para muitos deles, algumas lideranças e coletivos seguem sem priorizar a pauta, ainda não entenderam a urgência de usar a comunicação como ferramenta de luta, de pertencimento, de diversificação de vozes.

Analisando as narrativas desses seis jovens comunicadores indígenas pudemos concluir também uma relação forte entre a comunicação e a política, da necessidade desses jovens se entenderem, ainda mais, como sujeitos proativos e com posições e opiniões que merecem circular o mundo, serem ouvidas. E cito Rodrigo Tremembé quando ele nos fala assim: “O vestir também é político”. Com a sua moda, ele faz das artes sua forma de resistência e de existência, que deságua em uma presença forte nas redes sociais. Do mesmo modo, nessa união de comunicação e política, a Merremii Karão cita que “com interação social, a gente consegue fazer um rebuliço. As pessoas me veem como uma praticante de cultura e arte que tenta manter viva o que tentam apagar”, explica.

Observando esses relatos acima e tantos outros no decorrer do texto, é salutar observar como, de modo diverso, esses seis jovens indígenas constroem suas próprias estratégias de retomada nas redes e de presença digital, com objetivos de: reconstrução ou preservação das memórias e dos modos de ser e de fazer dos seus povos - sejam em postagens contando sobre os mais velhos ou em vídeos denunciando as violências sofridas nos territórios e conteúdos que falam mais sobre as vidas privadas e autonarrativas com imagens e textos que apresentam o cotidiano. Exemplo disso é quando Renan Tabajara fala de como os *posts* com notícias sobre os jogos indígenas e as festividades fazem mais sucesso no *Instagram* que informes mais políticos e sérios - e como essa comunicação leve e de maior proximidade pode engajar mais e reforçar as identidades e as cosmovisões de cada um deles. E citamos aqui o Rodrigo Tremembé ao nos falar que para ele a ancestralidade é a água que molha suas raízes. “Criei essa frase em meio a memória dos meus ancestrais, ela me faz pensar sobre nossa relação com a natureza, e o quanto o futuro é ancestral”.

Por fim, todos os seis entrevistados apontaram para a importância de a comunicação indígena estar cada vez mais atuante nos seus territórios e dos jovens seguirem sendo protagonistas de suas histórias atuando, via telas de *smartphones* ou aplicativos de interação social. E como se faz urgente que o movimento indígena priorize, ainda mais, a pauta da comunicação como sendo estratégica para a luta e para o avanço de direitos. E, também, a necessidade de que mais coletivos de comunicação sigam se organizando e que mais capacitações sejam oferecidas para que a voz se esparrame, o solo siga cada vez mais fértil e a retomada floresça e reflorte. A comunicação é um reforço para a emergência de novas

identidades, de outros protagonismos, de tantas cosmovisões e da diversidade cultural, para que o mundo se convença de que é preciso um novo modo de viver, um outro modo de vida, de confluência e de relação com a natureza e com a comunicação.

E finalizamos (sem querer finalizar), compreendo que tudo é processo e caminhada, trazendo aqui Nêgo Bispo (que faleceu em 2023, durante a escrita desse nosso texto) que, em sua obra “A terra dá, a terra quer” (2023), nos relembra: estamos vivendo em ciclos, o fazer comunicacional - assim como a natureza - é um movimento de transfluência. “Transfluindo somos começo, meio e começo” (BISPO DOS SANTOS, 2023).

REFERÊNCIAS

- ADELCO/ESPLAR. **Diagnóstico e estudo de linha de base:** projeto fortalecendo a autonomia político-organizativa dos povos indígenas. Ceará: Adelco/Esplar, 2017.
- AMABIS, José Mariano; RODRIGUES, Gilberto. **Fundamentos da Biologia Moderna**, parte 1. São Paulo: Editora Moderna. 2018.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. *In: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Editora Ubu, 2023.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- CARDOSO FILHO, Jorge. Inflexões metodológicas para a teoria do uso social dos meios e processos de mediação. *In: MATTOS, Maria Ângela; JUNIOR, Jeder Janotti; JACKS, Nilda. Mediação & Mediação*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. v. 1.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Cultura com aspas:** e outros ensaios (2009), Cosac & Naify, São Paulo. 2009.
- DI FELICE, Massimo. **Mídias Nativas**. São Paulo, Anais grupoatopos.blogspot.com, 2010.
- DI FELICE, Massimo. **Net-Ativismo:** da Ação Social para o Ato Conectivo. São Paulo, Editora Paulus, 2017.
- FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael. **Os povos do Alto Xingu-história e cultura**. Revista De Antropologia. 2022.
- FLEURY, Yasmim Alves. **Movimentos em rede:** a internet como ferramenta para manifestações sociais. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JAGUARIBARAS, Merremii Karão. **Wúpy Taowá:** vestindo-se de linguagens. Ponta Grossa: Ed. UEPG-PROEX, 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton; PIÚBA, Fabiano (org.) **Desnaturada: cultura e natureza**. Organização de Ailton Krenak e Fabiano Piúba. Fortaleza: Secult/Ce, 2022.

NASCIMENTO, Letycia Gomes. **Etnocomunicação Ancestral E Decolonial: Uma Análise Sobre A Webrádio Yandê**. Revista Latinoamericana De Ciencias De La Comunicación. 2020.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Rádios Comunitárias no Brasil: da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM**. XIX Encontro Anual da Compós. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: Acesso em: 2 jul. 2017.

PERUZZO, Cicilia M. K Krohling. **Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. INTERCOM, Natal, 2008.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão**. São Bernardo: Cátedra Unesco-Umesp, 2005. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/g6_cicilia_peruzzo.pdf. Acesso em: 2 jul. 2017.

PETIT, Sandra. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afro Ancestral e Tradição Oral** Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei n 2 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e territórios: uma introdução à Ecologia Política**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2019.

HAUBRICH, Alexandre Freitas. **Reflexões e Caracterizações sobre Mídias Alternativas**, Revista Intercom, 2015.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas**. Editora: Ufpr, 2012.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro, 2009.